

O hibridismo de *ser* e a oposição semântica entre *ser* e *estar* em português medieval

Maria Ribeiro Paulo

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

novembro, 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Brocardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, à professora Maria Teresa Brocardo. Em primeiro lugar, agradeço que tenha aceite orientar este projeto. Agradeço, ainda, toda a sua disponibilidade, paciência e tolerância para com os meus atrasos, a sua preocupação em apontar para as lacunas e falhas deste projeto, e a sua disponibilidade para rever e fornecer bibliografia relevante para a realização desta dissertação.

Agradeço, ainda, à professora Clara Nunes Correia por se ter disponibilizado para rever alguns dos capítulos desta dissertação, e à professora Maria Lobo por ter também contribuído para a realização deste trabalho.

Muito obrigada.

O hibridismo de *ser* e a oposição entre *ser* e *estar* em português medieval

Maria Ribeiro Paulo

RESUMO

Palavras-chave: *ser* e *estar*; hibridismo de *ser*; português medieval; século XIII; gramaticalização; semântica

Este trabalho tem como principal objetivo relacionar o hibridismo de *ser* com a sobreposição parcial dos valores semânticos associados aos verbos *ser* e *estar* atestada em estádios anteriores da língua portuguesa. Constatando-se que, em português medieval, o verbo *ser* era também utilizado em contextos em que no português atual apenas se admite *estar*, explora-se a hipótese de que, no seio do paradigma *ser*, formas derivadas de *sedere* ('estar sentado') seriam perspectivadas como estando mais associadas a propriedades transitórias – partilhando, portanto, características com o verbo *estar* –, por oposição a formas derivadas de *esse* ('ser'), que seriam perspectivadas como estando genericamente mais associadas a propriedades permanentes, devido a alguma persistência dos valores semânticos associados aos verbos latinos de que derivam.

Esta hipótese enquadra-se, assim, na área de estudos da gramaticalização, uma vez que se baseia no princípio da persistência de Hopper (1991). O quadro de estudos da gramaticalização poderá fornecer, deste modo, um suporte teórico adequado para tratar alguns aspetos da evolução destes dois paradigmas, em primeiro lugar, ao dar conta da sobreposição atestada entre estes verbos em português medieval e, ainda, ao conceber a oposição existente no português europeu contemporâneo como resultado de um processo de competição de formas/construções para a marcação dos mesmos valores. Seria, assim, possível estabelecer uma relação entre os sentidos etimológicos destes verbos, a competição entre estes para a marcação dos mesmos valores e, posteriormente, a consolidação da oposição como hoje a conhecemos.

Para este fim, avalia-se se existem dados do português medieval que permitam estabelecer a existência de uma oposição de valores dentro do próprio paradigma *ser*, optando-se por analisar, em específico, formas de *sedere* que competiam com formas de *esse* para a constituição do paradigma *ser*. A razão pela qual se opta pela análise destas formas é o facto de, tendo estas coexistido com formas derivadas de *esse* e competido com elas para a formação do paradigma *ser*, se for o caso que de facto existe uma diferença semântica entre estas em termos de marcação de um valor perspectivado como transitório por oposição a um perspectivado como permanente, tal deverá ser perceptível nos casos em que se tem à disposição formas derivadas de ambos os paradigmas, esperando-se que cada um seja preferido para a marcação destes hipotéticos valores que lhes são atribuídos.

Este trabalho encontra-se, assim, estruturado em quatro pontos: no primeiro, introdutório, apresenta-se brevemente a questão de investigação, objetivos, enquadramento teórico e metodologia; no segundo, visa-se a descrição da distinção *ser/estar* em português contemporâneo, aferindo descrições propostas por vários autores; no terceiro, procede-se a uma breve apresentação dos princípios e pressupostos do quadro de estudos da gramaticalização; no último, descreve-se em que medida o paradigma *ser* é um paradigma híbrido, procede-se a uma revisão da literatura existente relativa à semântica destes verbos em português medieval, apresenta-se o *corpus* constituído, procedendo-se a uma análise deste, e, por último, apontam-se alguns dos mecanismos ou processos associados ao quadro de estudos da gramaticalização que podem ser atestados no percurso evolutivo destes verbos, ou explicativos deste.

**Ser's hybridism and the semantic opposition between *ser* and *estar* in medieval
Portuguese**

Maria Ribeiro Paulo

ABSTRACT

Keywords: *ser* and *estar*; *ser*'s hybridism; medieval Portuguese; 13th century; grammaticalization; semantics

The main goal of this dissertation is to relate the hybridism of *ser* ("be") with the partial overlap of the meanings of *ser* and *estar* ("be", from Latin *stare* "stand") in Portuguese past stages. In Medieval Portuguese, *ser* was also used in contexts where, in contemporary Portuguese, only *estar* occurs. The hypothesis to be explored is that, within the paradigm of *ser*, the forms derived from Latin *sedere* ("sit") were associated with transitory properties – thus sharing properties with *estar* – as opposed to forms derived from *esse* ("be"), which should be more generally interpreted as permanent, due to the persistence of the original semantic values of the Latin verbs of which they are descendants.

This hypothesis is framed by the grammaticalization studies, assuming Hopper's (1991) persistence principle. This framework provides an adequate theoretical support to describe some aspects of the evolution of these two verbal paradigms: it can account for the partial overlap of these verbs in Medieval Portuguese; and it can explain the contrast between *ser* and *estar* observed in Contemporary Portuguese as the result of a process of competition between forms / constructions for the encoding of the same values. Following this line of research, it is possible to relate the etymological meanings of these verbs, their competition for the encoding of the same values and the fixation of their contemporary contrast.

To this end, it is evaluated whether data from medieval Portuguese allows us to establish the existence of a semantic opposition within the paradigm of *ser*. Specifically, forms derived from *sedere* which competed directly with forms derived from *esse* are analysed. Being the case that these forms coexisted and competed directly to form this paradigm, it should be possible to observe the different semantic values encoded by each of these forms, being expected that forms derived from *ser* would be preferred to encode the semantic value of permanence while forms derived from *sedere* would be associated with transitory properties.

This work is divided into four chapters: in the first – the introduction –, the investigation question, the objectives, the theoretical framework and the methodology are briefly presented; in the second, the *ser/estar*'s distinction in contemporary Portuguese is discussed; in the third, the principals and assumptions of the grammaticalization framework are presented. In the last chapter, we describe the hybridism of *ser* and the evolution of this paradigm; thereafter, we present the existing literature related with the semantic description of these verbs in medieval Portuguese, the selected *corpus* and its analysis. Finally, we point to some of the processes and mechanisms associated with the grammaticalization framework that can be observed in the evolution of these verbs, or explanative of it.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Questão de Investigação – objetivos, enquadramento teórico e relevância.....	1
1.2. Metodologia	2
1.3. Estrutura da dissertação	3
2. DESCRIÇÃO SEMÂNTICA DA OPOSIÇÃO <i>SER/ESTAR</i> EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO	5
2.1. Propriedades de indivíduo vs. propriedades de estágio	8
2.2. <i>Ser</i> vs. <i>estar</i> : uma questão de aspeto	11
2.3. <i>Ser</i> vs. <i>estar</i> : uma questão discursiva	16
2.4. Conclusões	19
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: A GRAMATICALIZAÇÃO	21
3.1. Gramaticalização	22
3.2. Princípios da Gramaticalização	25
4. <i>SER</i> E <i>ESTAR</i> EM PORTUGUÊS MEDIEVAL	27
4.1. <i>Ser</i> : um paradigma híbrido	27
4.2. <i>Ser</i> e <i>estar</i> em português medieval: revisão da literatura	28
4.3. Ocorrências de <i>ser</i> e <i>estar</i> em português medieval	32
4.3.1. As formas derivadas de <i>sedere</i>	34
4.3.2. <i>Sedere</i> + gerúndio	45
4.3.3. <i>Sedere</i> + particípio passado / adjetivo	50
4.4. Processos de gramaticalização	53
4.4.1. Dessemantização e persistência	53
4.4.2. Obsolescência de formas de <i>sedere</i>	54
4.4.3. Obsolescência do valor semântico de transitoriedade associado a <i>ser</i>	55
4.4.4. Transferência	56
4.4.5. Contaminação analógica	57
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
REFERÊNCIAS DAS FONTES	65

1. INTRODUÇÃO

1.1. Questão de Investigação – objetivos, enquadramento teórico e relevância

Nesta dissertação dá-se continuidade a um projeto de trabalho iniciado no âmbito do seminário de Linguística Histórica acerca do papel que o hibridismo de *ser* poderá ter desempenhado na história da distinção semântica entre os verbos *ser* e *estar*.

Esta é uma proposta de trabalho que advém da constatação de que a distinção existente no português europeu contemporâneo entre estes verbos em termos de marcação de um valor perspectivado como um valor de permanência ou de inerência por oposição a um valor de transitoriedade, associados aos verbos *ser* e *estar*, respetivamente, nem sempre esteve delimitada como atualmente está, constatando-se uma sobreposição parcial dos valores destes verbos em estádios anteriores da língua. Em particular, constata-se que o verbo *ser* era utilizado em contextos em que no português europeu contemporâneo se utilizaria o verbo *estar*.

Atentando neste dado, a principal questão de investigação que se explora nesta dissertação é a seguinte: poderá o hibridismo de *ser* ter desempenhado um papel significativo na relação semântica que foi estabelecida em português medieval entre os verbos *ser* e *estar* e no modo como os seus valores evoluíram? Ou seja, pretende-se relacionar o facto de o paradigma *ser* ser um paradigma híbrido, isto é, um paradigma que advém da fusão de dois paradigmas latinos – *esse* (‘ser’) e *sedere* (‘estar sentado’) –, com o facto de os verbos *ser* e *estar* terem competido para a marcação do mesmo valor.

Esta questão de investigação parte de uma hipótese colocada por Mattos e Silva (1992) e Brocardo (2014), segundo a qual, dentro do paradigma *ser*, formas derivadas de *sedere* (‘estar sentado’) marcariam um valor genericamente caracterizável como mais transitório, por oposição a formas derivadas de *esse* (‘ser’), que marcariam um valor de permanência ou inerência, devido a alguma persistência dos valores etimológicos destes verbos latinos.

Esta hipótese enquadra-se, deste modo, na área de estudos da gramaticalização, uma vez que se encontra assente no princípio da persistência de Hopper (1991:22): alguma persistência dos valores etimológicos dos paradigmas latinos que deram origem

ao paradigma *ser* poderia servir parcialmente de explicação para o facto de o verbo *ser* ter competido com *estar* para a marcação do valor semântico de transitoriedade.

Assim, explora-se a possibilidade de existir dentro do próprio paradigma *ser* uma oposição de valores semânticos e uma possível sobreposição desses valores com os valores semânticos de *estar*, com vista a dar conta da sobreposição destes verbos. Caso esta hipótese seja fundamentada, o quadro de estudos da gramaticalização poderá fornecer uma hipótese explicativa satisfatória para a evolução destes dois paradigmas ao conceber a oposição existente no português europeu contemporâneo como resultado de um processo de competição de formas/construções para a marcação dos mesmos valores. Enquadrada esta hipótese nesta área de estudos, fornece-se uma hipótese explicativa para a evolução destes dois paradigmas ao estabelecer-se uma relação entre os sentidos etimológicos destes verbos, a competição entre estes para a marcação dos mesmos valores e, posteriormente, a consolidação da oposição como hoje a conhecemos.

Deste modo, adotando-se o quadro de estudos da gramaticalização como suporte teórico, procura-se explorar, desenvolver e sustentar uma possível inter-relação entre o hibridismo de *ser* e a sobreposição dos valores de *ser* e *estar*, com base em dados diacrónicos atestados do português medieval.

Considera-se que este trabalho poderá ser relevante para o avanço do conhecimento por duas razões: em primeiro lugar, para além de a literatura existente acerca da oposição semântica entre estes verbos numa perspectiva histórica não ser muito vasta, também não parecem existir trabalhos que explorem uma hipótese explicativa para os dados diacrónicos atestados em português medieval. Em segundo, na medida em que se visa uma sistematização de vários dados dispersos acerca do comportamento destes verbos em português medieval, baseados na análise de vários autores e outros baseados na análise a que se procede neste trabalho, visa-se desenvolver e sustentar uma hipótese explicativa para os dados atestados.

1.2. Metodologia

Como metodologia, optou-se por se proceder a um levantamento de ocorrências de formas de *estar* e *ser* – fazendo a distinção entre formas derivadas de *sedere* e formas derivadas de *esse* – em cantigas do século XIII – cantigas de escárnio e maldizer, de amigo e de amor e as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1264-1284).

Para tal, recorreu-se ao *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL, FCSH-UNL) e ao *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (DVPM/CIPM).

Tomou-se, sobretudo, em consideração as formas derivadas de *sedere* que vieram a cair em desuso – formas de presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo –, que foram substituídas por formas derivadas de *esse*, uma vez que, tendo estas coexistido com formas derivadas de *esse* e competido com elas para a formação do paradigma *ser*, se for o caso que de facto existe uma distinção semântica entre estas devido a alguma persistência dos valores etimológicos destes verbos, tal deverá ser perceptível em momentos históricos em que se tinha à disposição formas derivadas de ambos os paradigmas, esperando-se que cada uma seja preferida para a marcação dos hipotéticos valores que lhes são atribuídos. Ou seja, pretende-se investigar se algum destes paradigmas – *esse* ou *sedere* – é preferido para expressar transitoriedade ou permanência, o que poderá ser explicativo do facto de formas de *ser* terem competido com formas de *estar* para a marcação do mesmo valor.

Este *corpus* foi assim constituído com base num critério de género e de data: neste período formas derivadas de *sedere* ainda competem com formas derivadas de *esse* para formação do paradigma *ser* e, segundo Teyssier (1982:21), este género literário favorecia o uso de arcaísmos, razão pela qual é possível encontrar um maior número de ocorrências destas formas.

A análise a que se procedeu foi, em alguns aspetos, de natureza quantitativa – ao sistematizar-se o número de ocorrências de formas derivadas de *sedere* neste *corpus* e o tipo de construções em que ocorrem – e noutros de natureza qualitativa – ao procurar-se determinar os valores semânticos marcados por estas formas nos diferentes tipos de contextos em que ocorrem, visando-se também estabelecer um diálogo com os dados apresentados pelos autores que procederam a uma análise sintática e/ou semântica das ocorrências destes verbos em português medieval.

Assim, a análise das ocorrências de formas de *ser* e de *estar* em português medieval é feita com vista a relacionar a sua competição e evolução com o hibridismo de *ser*, enquadrando este fenómeno linguístico na área de estudos da gramaticalização.

1.3. Estrutura da dissertação

Esta dissertação é constituída por quatro pontos: no primeiro, a introdução, apresenta-se brevemente a questão de investigação e os objetivos do presente trabalho;

no segundo ponto – Descrição semântica da oposição *ser/estar* em português europeu contemporâneo –, visa-se a descrição da distinção *ser/estar*, aferindo descrições propostas por vários autores; no terceiro ponto – Enquadramento teórico: a gramaticalização –, procede-se a uma breve apresentação dos princípios e pressupostos do quadro de estudos adotado nesta dissertação; por fim, no quarto ponto – *Ser e estar* em português medieval –, apresenta-se a literatura existente relativa ao tema deste trabalho e procede-se a uma apresentação e análise do *corpus* constituído.

Assim, no segundo ponto, partindo-se do pressuposto de que existe uma distinção semântica entre os verbos *ser* e *estar* em português europeu contemporâneo e da constatação de que esta nem sempre esteve consolidada como atualmente, procede-se a uma problematização da descrição dos valores semânticos associados a estes verbos. Procura-se, em específico, problematizar a descrição desta distinção em termos de uma oposição permanência/transitoriedade, defendendo-se que esta é uma caracterização suficiente para os objetivos deste trabalho. Este ponto subdivide-se em três, onde são expostos três tipos de descrições distintas: aquelas que analisam esta distinção como uma distinção entre propriedades de indivíduo e propriedades de estádio, as que tratam a distinção como uma questão aspetual e, por fim, as que a tratam como uma questão discursiva.

No terceiro ponto, procede-se a uma exposição do enquadramento teórico em que este trabalho se insere, ou seja, o quadro de estudos da gramaticalização, apresentando-se os seus pressupostos, os mecanismos que descrevem o processo de gramaticalização e alguns dos princípios que lhe estão associados.

Por fim, o quarto ponto encontra-se subdividido em quatro: no primeiro, descreve-se em que medida o paradigma *ser* é um paradigma híbrido, descrevendo-se brevemente o modo como veio assim a ser constituído. O segundo ponto é dedicado à revisão da literatura existente relativa à semântica destes verbos em português medieval. No terceiro, apresenta-se o *corpus* constituído e procede-se a uma análise deste. Em último lugar, apresentam-se alguns dos mecanismos ou processos associados ao quadro de estudos da gramaticalização que podem ser atestados no percurso evolutivo destes verbos, ou explicativos deste.

2. DESCRIÇÃO SEMÂNTICA DA OPOSIÇÃO *SER/ESTAR* EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

Quando se consideram línguas como o inglês ou o francês, verifica-se que as sequências em que ocorrem os verbos *ser* e *estar* são expressas, regra geral, através de um único verbo – nomeadamente *to be* e *être*. Este é o caso para a maioria das línguas, razão pela qual o verbo *ser* é frequentemente descrito como uma cópula, isto é, como um verbo desprovido de conteúdo semântico, cuja única função é a de ligação. No entanto, em português e espanhol o uso destes verbos desencadeia interpretações nitidamente distintas, razão pela qual é difícil sustentar que, no caso destas línguas, estas cópulas não possuem qualquer conteúdo semântico. Torna-se, assim, pertinente determinar as suas propriedades semânticas e/ou pragmáticas¹.

Aceitando-se que existe uma oposição semântica em português europeu contemporâneo entre *ser* e *estar*, neste capítulo, visa-se a descrição desta, aferindo descrições já propostas por vários autores. Em concreto, pretende-se estabelecer um critério que permita dar conta dos diferentes usos destes verbos, de modo a que se possa proceder a uma análise dos valores por estes marcados em português medieval.

Assim, em português europeu contemporâneo, os verbos *ser* e *estar* ocorrem sobretudo nos mesmos contextos sintáticos, destacando-se dois casos que podem ser considerados exceção, em que estes são utilizados como verbos auxiliares: *ser* é utilizado na formação da passivas (1) e *estar* em perífrases de progressivo (2):

- (1) O João foi / *está visto a passear no parque.²
- (2) O João *é / está a passear no parque.

Quando ocorrem em contextos idênticos, como é, por exemplo, o caso das construções em que estes verbos se combinam com predicados adjetivais, verifica-se não só que o uso destes verbos gera interpretações nitidamente distintas, mas também

¹ Refere-se aqui também propriedades pragmáticas devido ao facto de alguns dos autores aqui tratados defenderem que a distinção *ser/estar* envolve uma componente pragmática, como, por exemplo, Schmitt & Miller (2007:1910): «the choice between *ser* and *estar* has a pragmatic component that needs to be accounted for.» A distinção entre semântica e pragmática é aqui entendida como «the distinction between encoded and inferred components of meaning» (Leonetti, Pérez-Jiménez & Gumiel-Molina, 2015:2).

² Note-se que neste contexto são exceção as denominadas passivas adjetivais ou estativas, em que o uso do verbo *estar* é possível – cf. *O jornal foi publicado* / *O jornal está publicado*. Estas estruturas são tratadas no ponto 4.3.3.

que alguns predicadores selecionam obrigatoriamente *ser* (3) ou *estar* (4), enquanto outros podem ocorrer com ambos (5)³:

(3) O João é / *está português.

(4) O João *é / está adoentado.

(5) O João é / está magro.

A tendência que os falantes apresentam é a de caracterizar estes verbos como estando em distribuição complementar, marcando valores semânticos que se opõem e se excluem: enquanto *ser* é utilizado para marcar propriedades inerentes, permanentes ou essenciais; *estar* é utilizado para marcar propriedades temporárias ou transitórias⁴. Apesar de esta ser uma interpretação largamente associada ao uso destes verbos que não pode ser ignorada, esta descrição é também nitidamente insuficiente para a caracterização semântica destes verbos, sendo possível identificar diversos casos em que o verbo *estar* se associa a propriedades perspectivadas como permanentes e o verbo *ser* a propriedades perspectivadas como temporárias⁵:

(6) O João está morto.

(7) O João foi simpático.

Assim, estes verbos não podem ser sistematicamente associados a uma distinção permanente/transitório, razão pela qual autores como Schmitt, Holtheuer & Muller (2004:2), Maienborn (2005:156) e de Gavarito & Valenzuela (2006:101) observam que o princípio em que a oposição entre estes verbos se baseia não pode consistir nesta distinção e que esta não pode constituir a propriedade basilar da qual é possível derivar os factos observados relativamente ao comportamento destes verbos.

Não obstante, como afirmado anteriormente, também é notório que esta distinção parece de facto desempenhar um papel no modo como a oposição *ser/estar* é pensada pelos falantes, tornando-se relevante que qualquer descrição proposta tenha a capacidade de descrever o motivo pelo qual esta é assim perspectivada. Por outras palavras, é necessário que o princípio gramatical no qual esta oposição se baseia dê

³ Exemplos adaptados de Duarte (1987:98-99).

⁴ «À análise de *ser* e *estar* em PE, sob o ponto de vista da sua interpretação, estão tradicionalmente associados valores que se excluem (transitoriedade de *estar* vs permanência de *ser* [...]). (Correia, 2011:13)

⁵ Nos exemplos apresentados é patente a intervenção de outros fatores linguísticos que, naturalmente, afetam a leitura gerada, como é o caso da mudança de tempo verbal em (7). Estas questões são discutidas ao longo do capítulo.

conta da tendência que os falantes apresentam para a caracterizar em termos de uma oposição de valor permanente/transitório.

Nos pontos seguintes são analisadas algumas propostas de caracterização da oposição *ser/estar* – focando-se sobretudo as construções em que estes verbos se associam a predicados adjetivais⁶ –, dando desde já a conhecer ao leitor que esta não é uma matéria em que haja um largo consenso por parte dos autores que a têm trabalhado, nem um tema que esteja perto de estar resolvido, dado que ainda existem vários pontos controversos no debate relativamente à caracterização destes verbos⁷.

Um desses pontos controversos concerne o nível no qual a distinção *ser/estar* é gerada: se a um nível sintático-semântico, estritamente semântico ou estritamente pragmático, ou se esta consiste numa interação entre vários níveis. Por este motivo, Schmitt *et al.* (2004) notam que é possível dividir em três as de propostas que têm sido avançadas para a caracterização desta distinção.

Dentro do primeiro grupo, destaca-se a proposta que trata a distinção *ser/estar* como a realização gramatical da distinção entre predicados de indivíduo (IL) e predicados de porções temporalmente limitadas de indivíduo ou de estágio (SL). No segundo, surgem as descrições que tratam a distinção semântica entre estes verbos como uma distinção aspetual. No último, integram-se as propostas que defendem que estes verbos são semântica e lexicalmente idênticos – e, portanto, idênticos às cópulas das línguas que possuem um único verbo *ser* – e que as diferenças de interpretação são geradas unicamente a um nível discursivo.

É com base nesta divisão que se estruturam os três pontos seguintes, em que se dá conta da literatura mais relevante para os objetivos desta dissertação, procurando-se extrair uma caracterização dos valores semânticos destes verbos que permita uma análise das ocorrências destes verbos no período medieval.

Por fim, nota-se também que a maior parte da literatura considerada versa sobre dados do espanhol, que, tal como o português, possui “dois verbos *ser*”. Esses dados são

⁶ As razões pelas quais se opta por se focar este género de estruturas são as seguintes: por um lado, é nestas que mais facilmente se observam as diferenças de interpretação geradas pelo uso de um verbo ou outro; por outro, é sobretudo sobre este tipo de estruturas que versa a literatura que é aqui considerada – sendo que este último ponto não é independente do primeiro.

⁷ «A comprehensive account of the problem is far from being achieved, there remain many controversial and unresolved issues, which confirms the notion that the distinction represents a truly complex problem.» (Leonetti *et al.*, 2015:32)

aqui adaptados para o português sempre que o comportamento destes verbos for semelhante em ambas as línguas.

2.1. Propriedades de indivíduo vs. propriedades de estádio

Uma das descrições que adota a distinção entre predicados IL e predicados SL para dar conta da oposição *ser/estar* na língua portuguesa é proposta por Inês Duarte na *Gramática da Língua Portuguesa* (1987)⁸.

Nesta proposta, considera-se que a distinção IL/SL está gramaticalizada na língua portuguesa, nomeadamente, nos verbos *ser* e *estar*⁹. Assim, a oposição *ser/estar* é encarada como a realização gramatical de uma divisão cognitiva operada no mundo pelo homem: uma divisão entre propriedades próprias de indivíduos – isto é, perspectivadas como inerentes ou, pelo menos, permanentes – e propriedades temporalmente limitadas de indivíduos ou de estádio – perspectivadas como acidentais, temporárias ou transitórias. Esta ideia é assim formulada:

«Qual a razão por que certos predicadores seleccionam obrigatoriamente *ser* e outros *estar*? Uma resposta possível a esta questão reside na formulação de uma hipótese sobre a ontologia subjacente à categorização do real que as línguas (e, em particular o Português) exprimem. Esta ontologia considera dois tipos de objectos a que são atribuíveis propriedades (ou relações): **individuais e manifestações ou fases temporalmente limitadas de individuais.**» (Duarte, 1987:99)

Como explícito na citação, a autora adota esta distinção com o objetivo de dar conta do facto de certos predicadores selecionarem obrigatoriamente o verbo *ser*, enquanto outros selecionam *estar* e, também, dos casos em que ambos os verbos são compatíveis com determinados predicadores. Para tal, considera que diferentes conjuntos de operadores expressam estes dois tipos de propriedades ou relações. Enquanto os operadores IL expressam propriedades que são o caso acerca de indivíduos e, portanto, codificam propriedades permanentes (ou, pelo menos, estáveis); os operadores SL exprimem propriedades que são o caso em estádios ou períodos de um

⁸ A noção de predicados IL/SL e o seu uso para dar conta da oposição *ser/estar* não é original desta autora. Por exemplo, Carlson (1977) já havia sido utilizada para descrever a oposição entre estes verbos no espanhol. No entanto, esta é uma das primeiras autoras a sistematizar o comportamento dos vários verbos predicativos/copulativos na língua portuguesa à luz desta distinção.

⁹ «Numa língua como o português, que apresenta o contraste *ser/estar*, a construção destes predicados com adjectivos [...] está de certa forma gramaticalizada na medida em que predicados de indivíduo se constroem tipicamente com *ser* e predicados de fase com *estar*.» (Oliveira, 2003:524)

indivíduo e, portanto, temporárias ou transitórias. *Ser* pertence ao primeiro conjunto de operadores e *estar* ao segundo. Assim, os verbos *ser* e *estar* são tratados como exponentes lexicais desta distinção: «a oposição *ser* / *estar* é uma das formas de que o Português dispõe para exprimir a distinção entre predicadores de propriedades de individuais e predicadores de propriedades temporalmente limitadas de individuais» (Duarte, 1987:100).

Enquanto predicadores adjetivais como “português” e “adoentado” selecionam obrigatoriamente *ser* ou *estar* por expressarem propriedades IL e SL, respetivamente; predicadores como “alto” não impõem qualquer restrição de seleção, sendo nesse caso a ocorrência de *ser* ou *estar* o único elemento que permite interpretar a propriedade expressa como uma propriedade IL ou SL.

Relativamente ao comportamento destes dois tipos de predicadores, a autora aponta as seguintes diferenças: «Predicadores de individuais, verbais, não admitem o presente da construção *estar a V_{INF}*, e podem ocorrer em enunciados com uma interpretação gnómica; predicadores de manifestações temporalmente limitadas de individuais admitem o presente da construção *estar a V_{INF}*, e não podem ocorrer em enunciados com uma interpretação gnómica» (Duarte, 1987:101):

(8) As crianças *são/estão a brincar.

(9) Os clientes são/estão impacientes.

Como apontado anteriormente, (8) é exemplificativo de que só o verbo *estar* é admitido em construções de progressivo, estando *ser* excluído destes contextos. Por sua vez, (9) demonstra que o uso do verbo *ser* permite tanto uma leitura gnómica do género “todos os clientes são impacientes”, como uma leitura específica em que só um determinado conjunto de clientes é referido, do género “estes clientes são impacientes”; por oposição, o verbo *estar* já não permite uma leitura gnómica.

Disto se segue que é rejeitada a ideia de que estes verbos são verbos cópula, isto é, verbos cuja única função é unir sujeito e predicado. Ao invés, a autora considera que neste tipo de construções devem ser tratados como verbos predicativos: «em todos os casos em que a ocorrência de *ser* ou *estar*, em enunciados com predicadores não verbais, for função da natureza das propriedades expressas por esses predicadores, [...] chamaremos a estes verbos **verbos predicativos**.» (Duarte, 1987:101)

Porém, nesta proposta não são tratados os casos problemáticos supramencionados – (6) e (7): ainda que se admita que adjetivos como “morto” e “simpático” são predicadores que selecionam obrigatoriamente *ser* ou *estar* – o que não é possível no caso de “simpático”, uma vez que este tanto se associa a um verbo como outro (cf. *O João é simpático / O João está simpático*) –, ao tratarem estes verbos como exponentes lexicais da distinção IL/SL e, portanto, como expressando propriedades permanentes/temporárias, estes casos continuam a constituir contraexemplos.

Desde modo, se bem que descritivamente mais sistemática, ao tratar a distinção *ser/estar* como a realização gramatical da distinção entre propriedades IL e SL, esta proposta acaba por não superar aquela descrição inicial que trata a semântica dos verbos apenas como uma distinção entre propriedades permanentes e propriedades temporárias/transitórias¹⁰, nem nenhum dos problemas que essa descrição levanta¹¹.

Uma outra formulação desta hipótese pode ser encontrada em Cunha (2013:591-600), desta vez recorrendo a uma tipologia de estados para caracterizar a distinção *ser/estar*, mais especificamente, tratando-a como uma distinção entre predicadores estáveis e predicadores episódicos, que são definidos do seguinte modo:

«Os estados *estáveis*, como o nome indica, denotam propriedades estáveis dos indivíduos, que perduram durante uma boa parte da sua vida se não mesmo durante toda a sua existência, sendo, assim, relativamente independentes de contextos espaço-temporais particulares; os estados episódicos, pelo contrário, descrevem propriedades transitórias dos indivíduos, ligadas a porções espacial e temporalmente delimitadas da sua vida e suscetíveis de mudança frequente.» (Cunha, 2013:595)

Assim, à semelhança do que sucede em Duarte (1987), o autor defende que predicadores adjetivais determinam a seleção dos verbos *ser* ou *estar* conforme esses predicados são estáveis ou episódicos, sendo que quando esses predicadores são compatíveis com ambos os verbos, é então o verbo *ser* que determina que o predicado seja estável e o verbo *estar* que seja episódico. Porém, a proposta de Cunha vai além da

¹⁰ «Working against a straightforward identification of the two distinctions is the fact that there is no strict correlation between *ser/estar* on one hand and permanent properties/episodic states on the other, as often noted.» (Leonetti *et. al.*, 2015:4-5)

¹¹ De notar que na edição da *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus *et al.* (2003) já não é possível encontrar o capítulo relativo à descrição semântica dos verbos *ser* e *estar*. Ao invés, sempre que as autoras referem predicados de indivíduo ou de fase remetem em nota de rodapé para os trabalhos de Carlson (1977) e Kratzer (1995), o que sugere que as estas passaram a considerar que esta proposta não contribua para o avanço do conhecimento ou, até, que seria descritivamente inadequada.

proposta de Duarte, uma vez que prevê que a informação lexical fornecida tanto pelos predicadores adjetivais como pelos verbos *ser* e *estar* possa sofrer alterações devido à intervenção de fatores como, por exemplo, tempos gramaticais (10a) e adjuntos adverbiais temporais (10b), admitindo assim a possibilidade de construções com *ser* se associarem a situações perspectivadas como temporárias:

(10) a. Ontem, a Maria foi simpática.

b. A Maria foi simpática às cinco da tarde, quando atendeu os utentes.¹²

Relativamente ao caso (6) – ‘O João está morto’ – uma possível explicação surge em Raposo (2013:1309-1310). O autor nota que nem todos os participios verbais (usados adjetivamente) se podem combinar com *estar* numa oração copulativa: apenas os participios de verbos de situações télicas podem ocorrer nestas construções. Situações télicas representam processos com um fim intrínseco no qual participam entidades que sofrem uma mudança no fim do processo e, como consequência dessa mudança, a entidade passa a um novo estado denominado de resultativo ou consequente. O autor aponta os seguintes exemplos (2013:1309):

(11) A porta está fechada.

(12) O mosteiro está abandonado

(13) O lagarto está morto.

Segundo este, estas orações representam o estado resultativo, isto é, o novo estado da identidade que sofre a mudança. Raposo (2013:1910) conclui assim: «Compreende-se agora a razão por que o participio *morto*, que denota a mais estável e permanente de todas as situações possíveis, ocorre com a cópula *estar* e não com *ser*: isso deve-se ao facto de ser a forma de participio de um verbo aspetualmente télico, junto com a generalização de que as formas desse tipo se combinam com *estar* nas orações copulativas que representam o estado resultativo».

2.2. *Ser* vs. *estar*: uma questão de aspeto

Neste ponto, consideram-se as descrições da oposição *ser/estar* que defendem que esta é gerada unicamente a um nível semântico. Em concreto, é proposto que o diferente comportamento destes verbos e os seus diferentes matizes interpretativos podem ser justificados apenas com base nas propriedades aspetuais de cada um dos

¹² Exemplos de Cunha (2013:599)

verbos e naquilo que estas implicam a um nível pragmático. Em específico, é defendido que enquanto o verbo *estar* é marcado aspetualmente, *ser* não o é, podendo a sua interpretação padrão ser alterada pelos predicados a que se associa ou por outros elementos na frase.

Schmitt *et al.* (2004:3) e Schmitt & Miller (2007:1913) encontram-se entre os autores que defendem esta hipótese: distinguindo as duas definições tradicionais de “estado” – (i) estatividade associada à ausência de propriedades aspetuais e (ii) estatividade associada à propriedade subeventiva ESTADO –, afirmam que enquanto a primeira definição é adequada para descrever *ser*, a segunda é adequada para descrever *estar*. Ou seja, *estar*, denotando um ESTADO, asseve que determinada propriedade P é o caso num determinado período de tempo *t*; por sua vez, *ser* é atemporal, na medida em que não carrega qualquer tipo de informação aspetual. Deste modo, a tendência para associar *estar* a propriedades temporárias ou transitórias e *ser* a propriedades permanentes consiste numa implicatura gerada pelo facto de o verbo *estar* exigir uma ancoragem temporal, enquanto *ser* não contribui para a asserção de um tipo de eventualidade:

«[...] the two copulas are semantically distinct, but do not encode permanence/temporariness directly. We assume that *ser* is devoid of any semantic content [...]. In this sense, the analysis we give for *ser* is closer to that of the copula as a pure functional material. *estar*, on the other hand, contributes to the VP with a subevent of the type STATE» (Schmitt & Miller, 2007:1913)

Em defesa desta proposta, estes autores apontam para um exemplo concebido por Querido (1976) que relata a história de um botanista que acabou de descobrir uma nova espécie de árvore cujas folhas, no momento da descoberta, são/estão amarelas. Querido nota que o modo mais seguro de descrever as folhas da árvore é afirmando que essas *estão* amarelas, uma vez que o uso de *ser* implicaria que as folhas têm a propriedade de ser amarelas e tal seria assumir demasiado. Neste caso, ao usar *estar*, o botanista apenas asseve que naquele momento *t*, aquela propriedade P é o caso. Este exemplo é utilizado como evidência a favor da ideia que a transitoriedade associada a *estar* envolve uma componente pragmática, uma vez que, neste caso, o uso de *estar* não implica que a situação descrita é temporalmente limitada ou transitória, apenas asseve que é o caso naquele momento.

Segundo Schmitt *et al.* (2004), esta proposta permite dar conta de vários dados observados relativamente ao comportamento destes verbos. Em particular, que: a) o verbo *ser* é mais flexível, na medida em que 1) pode mais facilmente ser convertido numa construção com *estar*, contrariamente ao que sucede com predicacões com *estar*, e 2) em que permite um maior número de leituras em termos de aspetualidade; b) construções com *ser* podem ter uma leitura gnómica; e c) construções com *estar* implicam uma leitura de transitoriedade e construções com *ser* uma leitura de permanência.

Desta proposta, segue-se que só o verbo *estar* pode impor algumas restrições de leitura, pois só este acarreta uma leitura aspetual específica. Já o verbo *ser*, não possuindo este género de propriedades, é compatível com outros elementos que alteram a sua leitura por definição – uma leitura que não determina qualquer ancoragem temporal: «*ser* is devoid of any semantic content and does not impose restrictions on the complements it can appear with, being interpreted as a state by default, unless aspectual operators are added and allow temporal interpretations of the whole *ser* + adjective predicates» (Schmitt & Miller, 2007:1913).

Argumentando neste sentido, Schmitt *et al.* (2004) notam que, se o verbo *ser* não é especificado relativamente a propriedades aspetuais, então deverá ser possível encontrar diversos casos em que o verbo *ser* se encontra ancorado no tempo ou recebe uma interpretação eventiva, dependendo de outros elementos na frase. Ou seja, que este não deverá ser incompatível com elementos que determinem uma ancoragem no tempo ou que gerem leituras aspetuais específicas. Segundo estes, tal é precisamente o que verifica. Repare-se nos seguintes exemplos:

- (14) a. O João é inteligente.
 - b. Hoje, o João não está muito inteligente.
- (15) a. A sala está sempre vazia.
 - b. *A sala é vazia.
- (16) a. O João está simpático.
 - b. Agora, o João é simpático.
 - c. O João foi simpático.

Os casos (14) e (15) são exemplificativos de que uma predicacão com *ser* pode mais facilmente ser convertida numa predicacão com *estar*, do que o contrário pode

sucedem. Atendendo em (16), tal como (16a), (16b) permite uma interpretação de estado temporário se concebermos que o João, não sendo uma pessoa simpática, decidiu ser simpático, dada uma circunstância particular. Por sua vez, (16c) – igual a (7) – adquire uma leitura do tipo eventivo condicionada pelo uso do pretérito perfeito, que acarreta uma leitura de perfeitividade. Deste modo, esta proposta permite acomodar este género de casos que costumam ser problemáticos na descrição da oposição entre estes verbos.

Estas propriedades aspetuais dos verbos são também explicativas do facto de o sujeito de *ser* poder ser interpretado tanto como genérico, como específico, enquanto o de *estar* só pode ser interpretado como específico. De acordo com de Gavarito & Valenzuela (2006:102): «Since *estar* denotes a specific point in time, then it follows that the subject can only refer to a specific object or person. On the other hand, as *ser* can have no temporal limits then its subject can be generic and not fixed in time. Genericity of the subject is therefore linked to the aspectual properties of each copula.»

Relativamente a c), os autores defendem que a leitura de transitoriedade associada a *estar* surge através duma implicatura: se *estar* possui propriedades aspetuais do tipo estativo e se os estados asserem que uma propriedade P é o caso em *t*, então pode ser inferido que o estado de coisas descrito não era o caso antes de *t* ou não será o caso após *t*. Por outro lado, se o uso de *ser* não envolve referência a qualquer intervalo temporal, é gerada a implicatura de que a propriedade P é sempre o caso.

Porém, neste ponto mantêm-se problemáticos os casos em que o verbo *estar* aparece associado a propriedades permanentes, tal como sucede no exemplo (6): “O João está morto”. Não obstante, note-se que parece ser o caso que o verbo *estar* só aparece associado a propriedades permanentes em situações que não podem ser iteradas:

(17) O João está morto.

(18) Os dinossauros estão extintos.

(19) A mesa está destruída.

Nestes casos, é gerada uma leitura de permanência, uma vez que “estar morto”, tal como “estar extinto” e “estar destruído” são estados irreversíveis. No entanto, sugere-se aqui que é possível que nestes casos a obrigatoriedade do uso de *estar* se deve à necessidade de consideração de um momento *t* em que se dá a transição do estado de coisas anterior a *t* para o estado de coisas em *t*, já que todos estes estados implicam a existência de um período temporal em que o estado de coisas P não era o caso. Por

outras palavras, para que o João esteja morto, o João teve de estar vivo e para que os dinossauros estejam extintos, eles tiveram de existir. O mesmo não é implicado em construções com *ser*, que são atemporais:

- (20) a. O João é gordo
- b. O João está gordo.

Em enunciados do género (20a) é patente que este tipo de construções com *ser* não obriga à consideração de nenhum período temporal, contrariamente ao que sucede em (20b), dado que é atribuída ao sujeito uma propriedade que se assume que é constitutiva, própria e inerente a esse. Como nota Raposo (2013:1306): «A expressão linguística destas propriedades numa predicação é normalmente perspectivada fora de qualquer enquadramento espacial ou temporal, i. e., sem atender às circunstâncias ou situações particulares em que se encontram os indivíduos».

Assim, é possível que neste género de casos – (17), (18) e (19) – seja exigida uma ancoragem temporal no sentido em que é implicada a existência de um momento *t* em que se dá a passagem de um estado de coisas anterior a P para um estado de coisas P.

Ainda, apesar de ser defendido por estes autores que a oposição *ser/estar* resulta das propriedades aspetuais dos predicadores, estes não rejeitam a existência da distinção IL/SL. Pelo contrário, esta hipótese pode ser compatibilizada com a existência desta distinção cognitiva. A proposta destes autores distingue-se daquela defendida por Duarte (1987) e Cunha (2003) na medida em que estes consideram que aquilo que distingue estes verbos não é o facto de conterem como parte do seu significado a expressão de propriedades de indivíduo ou de estádio, mas antes as suas propriedades aspetuais.

Assim, de Gavarito & Valenzuela (2006:101) e Schmitt & Miller (2007:1914) notam que esta proposta e a hipótese IL/SL podem ser compatibilizadas na medida em que as propriedades aspetuais destes verbos e, mais especificamente, as implicaturas por essas geradas, determinam a sua compatibilidade com predicados do tipo IL ou SL: «The temporary versus permanent distinction and/or the stage-level versus individual-level characteristics of these predicates are *not* part of the meaning of these two verbs but rather part of the implicatures associated with the copula choice.» (Schmitt & Miller: 2007:1914)

Concluindo, é defendida a ideia de que aquilo que é codificado a um nível semântico por estes verbos é distinto daquilo que é implicado a um nível discursivo, razão pela qual devem ser distinguidos diferentes níveis na análise destas cópulas: o nível semântico no qual a distinção *ser/estar* se encontra ancorada e o nível discursivo em que diferentes implicaturas são geradas. Assim, não é a distinção permanente/temporário que dá conta da oposição *ser/estar*, uma vez que o verbo *ser* tem um comportamento demasiado variável para que possa ser derivada a asserção de um estado de permanência; antes são as propriedades aspetuais dos verbos – no caso de *ser*, a ausência delas – que podem dar conta do comportamento observado¹³.

2.3. *Ser* vs. *estar*: uma questão discursiva

Maienborn (2005) propõe uma hipótese explicativa da oposição *ser/estar* alternativa às anteriores, de acordo com a qual esta distinção é gerada unicamente a um nível discursivo/pragmático. Esta hipótese implica, assim, que a um nível lexical e semântico estes verbos não só são idênticos entre si, como também são idênticos às cópulas de outras línguas que não fazem a distinção entre *ser* e *estar*.

Em concreto, segundo esta autora, o que distingue estes dois verbos é o facto de o uso de *estar* carrear a pressuposição de que a predicação está ligada a uma situação discursiva particular: *estar* pressupõe um ancoramento discursivo que *ser* não pressupõe. Esta diferença permite ao falante marcar diferentes perspetivas através de uma predicação num discurso particular. Deste modo, o verbo *ser* é tratado como a cópula padrão e *estar* como a sua variante marcada.

É proposto que esta distinção é lexicalmente desencadeada pelo verbo *estar* e que, a um nível estrutural, é carreada pela categoria funcional ASP, onde é introduzido um *TOPIC TIME* contextualizado, ou, de um modo mais geral, um *TOPIC SITUATION* – em que “situação” é entendida como o mundo parcial considerado, a situação discursiva específica e relevante –, ao qual o falante ancora a sua afirmação. Aquando do uso de *estar*, o *TOPIC SITUATION* funciona como o antecedente do qual *estar* toma

¹³ Como suporte adicional a esta proposta, podem ser conferidos os estudos de aquisição conduzidos por Schmitt *et al.* (2004), de Gavarito & Valenzuela (2006) e Schmitt & Miller (2007). Estes autores procuram demonstrar que crianças/falantes L2 não tratam estes verbos como estando em distribuição complementar, tal como fazem os adultos/falantes L1. Estes estudos argumentam a favor da ideia de que crianças/falantes L2 dominam o conteúdo aspetual associado a cada uma das cópulas, apresentando, no entanto, dificuldade em calcular as implicaturas associadas a estas e/ou a restringir o domínio de avaliação relevante para a escolha da cópula, suportando assim a ideia de que deve ser efetuada uma distinção entre o nível semântico e pragmático na análise destes verbos.

a sua referência. Assim, a autora define a distinção entre estes verbos do seguinte modo, denominando-a de “Hipótese *ser/estar*”:

«By using *estar* speakers restrict their claims to a particular topic situation they have in mind; by using *ser* speakers remain neutral as to the specificity of the topic situation.» (Maienborn, 2005:169)

O que motiva Maienborn a defender esta hipótese e aquilo que considera uma vantagem nesta é o facto de, ao tratar estes verbos como léxica e semanticamente idênticos, trata-os, por conseguinte, como: 1) equivalentes às cópulas das restantes línguas; e 2) não diferindo na sua estrutura argumental, nem impondo restrições de seleção. Assim, é de esperar que estes verbos se comportem de modo semelhante relativamente à sua possibilidade de combinação com diferentes predicados e que possuam uma distribuição semelhante – o que, segundo esta, é precisamente o que se verifica¹⁴.

A autora avança esta hipótese como alternativa à apresentada em 2.1., procurando demonstrar que os sistemas gramaticais não são sensíveis a uma oposição conceptual do género permanente vs. transitório e, defendendo, tal como Schmitt *et. al.* e de Gavarito & Valenzuela, que esta oposição consiste apenas numa tendência interpretativa associada aos verbos *ser* e *estar*. Um dos argumentos a que apela para demonstrar que a proposta IL/SL não descreve adequadamente a oposição *ser/estar* consiste no exemplo já exposto de Querido (1976), acerca do qual a autora afirma: «Querido’s example shows that the *ser/estar* alternation definitely cannot be reduced to any fundamental conceptual opposition like “temporary vs. permanent” or “accidental vs. essential”, or whatever else. [...] Rather, what seems to be at stake is the speaker’s perspective on a predication in a particular discourse.» (Maienborn, 2005:160)

A autora nota também que, num certo sentido, esta proposta adota uma abordagem aspetual, no entanto, difere daquela exposta anteriormente, na medida em que, ao invés de considerar que essa informação aspetual é carregada pelos verbos *ser* e *estar*, antes assume que esse aspeto é derivado da situação discursiva que, por sua vez, constitui o antecedente adequado para determinar a situação específica que o uso de

¹⁴ Cf. Maienborn (2005:160-167) onde a autora, aplicando testes de eventualidade a construções com *ser* e *estar* e averiguando a sua possibilidade de combinação com modificadores locativos, advérbios de modo e complementos infinitivos de verbos de percepção, apresenta argumentos a favor da ideia de que os verbos *ser* e *estar* possuem uma distribuição semelhante em todos os aspetos relevantes.

estar pressupõe. Deste modo, a distinção entre *ser* e *estar* encontra-se ancorada no nível discursivo e não no nível aspetual.

Resta então considerar por que mecanismos é que uma predicação com *estar* refere uma situação discursiva particular e, desse modo, determinar de onde advém a tendência que os falantes apresentam para caracterizar a semântica dos verbos *ser* e *estar* em termos de uma oposição permanente/temporário. Para tal, a autora considera o seguinte exemplo (Maienborn, 2003:171):

- (21) a. A estrada é larga.
- b. A estrada está larga.

Em que condições faz sentido dizer (21b) ao invés de (21a)? Por outras palavras, em que condições faz sentido restringir a predicação a um *TOPIC SITUATION* particular através do uso de *estar*? De acordo com a autora, o uso de *estar* é legitimado pragmaticamente quando o contexto permite um *TOPIC SITUATION CONTRAST*, isto é, quando o falante pretende apontar a existência de alternativas à situação discursiva que tem em mente. Maienborn aponta para três dimensões em que esse contraste pode ser estabelecido:

- a) Dimensão temporal: a situação discursiva contrasta com situações anteriores ou futuras em que o predicado já não se aplica ao sujeito – neste caso, dá-se origem à interpretação de que a propriedade é temporária.
- b) Dimensão espacial: a situação discursiva contrasta com situações discursivas diferentemente localizadas no espaço em que o predicado já não se aplica ao sujeito. Em (21b), o uso de *estar* poderá ser legítimo se existirem zonas da estrada que não são largas.
- c) Dimensão epistémica: a situação discursiva contrasta com situações discursivas que não permitem decidir se o predicado se aplica ao sujeito ou não. Este é o caso do botanista no exemplo de Querido (1976).

De onde advém então a tendência para interpretar a semântica destes verbos em termos de uma dicotomia permanente/temporário? Segundo a autora, esta tendência deriva de princípios pragmáticos de economia: assumir que a propriedade expressa é temporária é o modo menos custoso de fazer o contraste que legitima o uso de *estar*, dado que não requer conhecimento adicional acerca do contexto relevante por parte dos

interlocutores. Assim, caso o contexto não bloqueie uma interpretação temporal, esta é sempre preferida pelos falantes.

Note-se, no entanto, que, até ao momento, esta descrição não impede que o uso de *ser* possa também implicar uma leitura temporal, já que a autora se mantém neutra relativamente à possibilidade de *ser* referir uma situação discursiva particular. Assim, esta recorre novamente a princípios discursivos, mais especificamente, à ideia de divisão do trabalho, para dar conta do bloqueio da leitura de transitoriedade aquando do uso de *ser*: dado que *ser* é o termo mais geral, funciona como complemento de *estar*. Ou seja, com base em princípios de economia, se *ser* for selecionado, os falantes assumem que a predicação não está ancorada a nenhuma situação discursiva particular, caso em que teriam selecionado *estar*. Assim, estes verbos são tratados pelos falantes como estando em distribuição complementar.

Concluindo, de acordo com esta hipótese, a oposição *ser/estar* é desencadeada pelo facto de o verbo *estar* pressupor um ancoramento a uma situação discursiva particular que o verbo *ser* não pressupõe. Deste modo, *estar* consiste numa variante marcada de *ser*, que, por sua vez, é a cópula padrão. Esta dependência discursiva de *estar* é lexicalmente desencadeada, estruturalmente carregada pela categoria funcional ASP e pragmaticamente legitimada por um contraste entre situações possíveis – que pode ser de natureza temporal, espacial ou epistémica.

2.4. Conclusões

Neste capítulo, foram apresentadas três abordagens diferentes para dar conta de um mesmo problema: a descrição dos verbos *ser* e *estar*. Dada esta exposição, é saliente que há algumas características em comum a todas estas propostas: em primeiro lugar, é problemático tratar esta distinção procurando apenas descrever as propriedades dos verbos *ser* e *estar*. Ao invés, para dar conta de todas as possibilidades de ocorrência destes verbos e das leituras geradas, é necessário ter em conta fatores de várias ordens – fatores esses que poderão variar conforme a abordagem adotada. Em segundo, é comum a todas estas abordagens o avanço de uma hipótese explicativa para o facto de os falantes perspetivarem esta distinção em termos de uma oposição entre propriedades permanentes e transitórias.

Deste modo, qualquer descrição proposta deve, por um lado, dar conta das peculiaridades semânticas de cada um destes verbos e, por outro, ser flexível o

suficiente para acomodar a possibilidade de interação destes verbos com outros elementos da frase – que poderão alterar a leitura por definição –, tomando em consideração fatores de várias ordens – lexical, aspetual, discursiva, etc. Por este motivo, a descrição da oposição *ser/estar* não é uma tarefa simples, nem uma matéria consensual entre os autores que sobre ela se debruçam. Pode-se, então, afirmar com Brocardo que: «[...] uma caracterização precisa, que contemple todas as possibilidades de ocorrência em função de diferentes tipos de restrições, [é] algo complexa, visto que estas decorrem da inter-relação de diferentes tipos de fatores, associados aos tipos de predicados, propriedades aspetuais e temporais, etc.» (Brocardo: 2014:97)

Assim, sendo notório que não existe um consenso acerca da natureza desta distinção e de como defini-la, para se proceder à análise das ocorrências destes verbos em português medieval, opta-se por não se defender nenhuma destas abordagens em específico. Ao invés, são tomados em consideração dois pontos já mencionados que se afiguram evidentes: por um lado, para uma descrição exaustiva da oposição *ser/estar*, que dê conta de todas as possibilidades de ocorrência destes verbos e dos valores marcados, a distinção permanente/temporário é nitidamente insuficiente; por outro, é inegável que esta é assim perspectivada pelos falantes adultos, que tratam estes verbos como estando em distribuição complementar. É, aliás, patente que todas as descrições expostas demonstram preocupação em descrever a razão pela qual esta é assim perspectivada pelos falantes.

Para os objetivos desta dissertação, em termos de análise semântica, é suficiente considerar apenas o modo como os falantes perspectivam esta distinção, ou seja, tratar a distinção *ser/estar* como uma oposição entre propriedades permanentes ou inerentes e propriedades transitórias ou temporárias. Assim, por motivos de simplicidade, daqui em diante utiliza-se a terminologia “valor de permanência” associada ao verbo *ser* e “valor de transitoriedade” associada ao verbo *estar*. No entanto, com estes conceitos tem-se por objetivo referir apenas a tendência que os falantes apresentam para associar o verbo *ser* a propriedades permanentes e o verbo *estar* a propriedades temporárias ou transitórias, ou seja, não se pretende descrever a distinção entre estes verbos com base nesta oposição.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: A GRAMATICALIZAÇÃO

Como afirmado anteriormente, a questão de investigação explorada nesta dissertação parte de uma hipótese colocada por Mattos e Silva (1992) e Brocardo (2014), segundo a qual, dentro do paradigma *ser*, formas derivadas de *sedere* ('estar sentado') marcariam um valor genericamente caracterizável como mais transitório, por oposição a formas derivadas de *esse* ('ser'), que marcariam um valor de permanência, devido a alguma persistência dos valores etimológicos destes verbos latinos.

Pretende-se, assim, explorar a hipótese de que formas derivadas de *sedere* seriam perspectivadas como estando associadas a propriedades transitórias – partilhando, portanto, características com o então verbo *estar* –, por oposição a formas derivadas de *esse*, que seriam perspectivadas como estando genericamente mais associadas a propriedades permanentes.

Esta é uma hipótese que se enquadra dentro da área de estudos da gramaticalização, uma vez que se baseia no princípio da persistência de Hopper (1991:22): «When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution.»

Com base neste princípio, poderia, assim, dar-se conta dos valores marcados por *ser* e *estar* em português medieval, ao supor-se que alguma persistência dos valores etimológicos dos paradigmas latinos que deram origem ao paradigma *ser* poderia servir parcialmente de explicação para o facto de o verbo *ser* ter competido com *estar* para a marcação do mesmo valor semântico. Existiria, assim, dentro do próprio paradigma *ser* uma coexistência de valores semânticos que se opõem, o que teria conduzido esse paradigma a sobrepor-se ao paradigma *estar*.

Para além disso, como Brocardo (2011) nota, ao enquadrar-se esta hipótese nesta área de estudos, não só é possível fornecer uma hipótese explicativa para o facto de esta sobreposição ter ocorrido em primeiro lugar, como também para alguns aspetos do próprio percurso evolutivo destes paradigmas, uma vez que esta oposição existente no português europeu contemporâneo seria assim tratada como resultado de um processo de competição de formas/construções para a marcação dos mesmos valores.

Ou seja, seria então possível descrever adequadamente em alguns aspetos o percurso evolutivo destes dois paradigmas ao estabelecer-se uma relação entre os sentidos etimológicos destes verbos, a sobreposição entre estes e, por sua vez, a competição para a marcação dos mesmos valores; e, posteriormente, a consolidação da oposição como atualmente a conhecemos.

3.1. Gramaticalização

O quadro de estudos da gramaticalização tem por objetivo descrever o processo por este denominado de gramaticalização. A gramaticalização, de modo simplificado, consiste no surgimento e desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo, ou seja, no processo através do qual categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais ou categorias gramaticais dão origem a categorias ainda mais gramaticais. Assim, esta área de estudos pretende explicar de que modo é que estas formas gramaticais surgem e se desenvolvem e, também, por que motivo este processo acontece em primeiro lugar.

Existem dois grandes pressupostos teóricos associados a este quadro de estudos: 1) este processo é unidirecional, uma vez que não se observam instâncias em que o processo de gramaticalização seja revertido ou, pelo menos, completamente revertido (Hopper & Traugott, 2003:16-17) e 2) este processo é motivado por fins comunicativos.

Notando que não são consensuais as definições que têm sido propostas para descrever este processo, nem os mecanismos que o constituem, foca-se aqui a proposta de Heine (2003:579), que descreve a gramaticalização como envolvendo quatro mecanismos interrelacionados, que, em conjunto, são responsáveis por este processo. Como o autor nota, todos estes mecanismos são observados em outros tipos de mudança linguística, razão pela qual nenhum destes é exclusivo do processo da gramaticalização. Não obstante, é o conjunto destes e a sua inter-relação que constitui o modelo explicativo avançado por este autor. Os mecanismos apontados são os seguintes: i) dessemantização – perda de conteúdo semântico; ii) extensão – uso da forma em novos contextos; iii) descategorização – perda de propriedades morfossintáticas típicas das formas-fonte; e iv) erosão – perda de substância fonética.

Em primeiro lugar, ocorre a dessemantização, que resulta da reinterpretação de formas mais ou menos lexicais, quando usadas em contextos específicos, como tendo significados mais abstratos/gramaticais. Ao adquirirem funções gramaticais/significados

mais abstratos, tendem a divergir cada vez mais dos seus usos anteriores, conduzindo a uma extensão dos seus usos: o seu uso passa a ser possível cada vez em mais e novos contextos. Por sua vez, ao tornarem-se mais abstratas estas formas tendem a perder as propriedades categoriais típicas das formas-fonte, ou seja, próprias dos seus usos anteriores, sofrendo descategorização. Ao passarem a ser usadas num maior número de contextos e, portanto, mais frequentemente, o seu uso torna-se mais previsível, resultando na perda de substância fonética.

Assim, o processo de gramaticalização pressupõe sempre, em primeiro lugar, a dessemantização, uma que vez que tal é o que permite que um item linguístico adquira um novo sentido gramatical, isto é, mais abstrato, passando a poder ser usado em novos contextos e tendendo a divergir cada vez mais da forma-fonte.

De notar que este processo requer contextos e construções específicos para que possa ocorrer a reinterpretação do significado destas formas, razão pela qual tem sido descrito como um produto de inferência pragmática, ou, como Heine (2003:580) o denomina, de reinterpretação induzida pelo contexto. É também por este motivo que se assume como pressuposto desta área de estudos que este processo é motivado por fins comunicativos, ou seja, que a ocorrência deste processo serve uma necessidade comunicativa:

«To this end, one salient human strategy consists in using linguistic forms for meanings that are concrete, easily accessible, and/or clearly delineated to also express less concrete, less easily accessible, and less clearly delineated meaning contents. To this end, lexical or less grammaticalized linguistic expressions are pressed into service for the expressions of more grammaticalized functions» (Heine, 2003:577)

Heine (1993:48-53) propõe um modelo – o modelo da sobreposição – para descrever o modo como as formas gramaticais evoluem, constituído por três estágios. Este processo é também por este denominado de cadeia de gramaticalização e pode ser representado do seguinte modo:

(1) $A > A, B > B$

- i) Uma expressão linguística A é recrutada para ser gramaticalizada.
- ii) Esta expressão adquire um segundo padrão de uso B, com a consequência de que passa a existir ambiguidade entre A e B.
- iii) Perde-se A, passando a existir apenas B.

Esta cadeia pode ser interpretada como uma estrutura diacrónica ou sincrónica e forma uma estrutura linear em que uma das pontas da cadeia é mais antiga e menos gramaticalizada e a outra mais recente e mais fortemente gramaticalizada. Para além disto, o uso desta representação ou, de um modo geral, este modelo, implica que o desenvolvimento de uma forma gramatical não se dá diretamente da forma-fonte A, para a forma-alvo B, envolvendo, ao invés, um estágio intermediário em que A e B coexistem, criando uma situação de ambiguidade (Heine, 2003:589-590). É também utilizado o conceito de *cline* em Hopper & Traugott (2003:6) para descrever esta ideia de que as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, passando antes por um processo gradual de mudança, em que vão sofrendo pequenas transições.

Uma questão a que este quadro de estudos procura também dar resposta, como referido, prende-se com a razão pela qual este processo acontece em primeiro lugar. Heine (2003:586-588) aponta dois modelos que têm sido avançados para explicar o surgimento e desenvolvimento das formas gramaticais: o modelo da transferência (Heine *et al.*:1991) e o modelo da reinterpretação induzida pelo contexto, que já foi aqui mencionado.

Segundo o modelo da transferência existem padrões de transferência conceptual de domínios concretos da experiência humana para domínios mais abstratos, sendo este processo de natureza metafórica. Segundo Heine (2003:586): «a prominent pattern of metaphorical transfer underlying many grammaticalization processes has the structure of an ontological domain shift [...] (where domains to the left of arrow are less abstract than domains to the right)»:

(2) PESSOA → OBJECTO → ACTIVIDADE → ESPAÇO → TEMPO →
QUALIDADE

Por sua vez, o modelo da reinterpretação induzida pelo contexto enfatiza a componente pragmática do processo de gramaticalização, apontando os seguintes passos neste processo: i) é necessário um contexto apropriado para que esta ocorra, ii) verifica-se um aumento dos contextos em que o item gramaticalizado pode ser utilizado, iii) conduzindo, por sua vez, a um aumento da frequência de ocorrência desse item.

Este processo é caracterizado por uma extensão gradual dos contextos em que o item pode ser utilizado, sendo que cada contexto constitui um novo *locus* de mudança através de processos como a reinterpretação, inferência pragmática, implicatura conversacional ou metonímia.

3.2. Princípios da Gramaticalização

Alguns autores têm apontado aquilo que foi denominado na literatura de princípios da gramaticalização, consistindo estes em alguns efeitos gerais que acompanham e/ou caracterizam este processo e as estruturas linguísticas por este geradas.

De entre os mais paradigmáticos, destacam-se os de Hopper (1991), dos quais três possuem especial relevância para os objetivos desta dissertação: o já mencionado princípio da persistência, o princípio da divergência e o princípio da especialização.

O princípio de divergência é assim descrito por este autor: «When a lexical form undergoes grammaticalization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items.» (Hopper, 1991:22). Este princípio prevê que à medida que os itens vão gramaticalizando, os seus usos anteriores, possivelmente lexicais, não se percam. Assim, quando uma forma linguística sofre gramaticalização, a forma original pode continuar a ser utilizada como um item independente, sendo assim o caso que as formas gramaticalizada e não gramaticalizada passam a coexistir na língua. Tem-se, assim, que determinados contextos desencadeiam a gramaticalização de determinado item linguístico, enquanto noutros esse continua a ser utilizado como um item independente. Num esquema simplificado, tem-se então:

$$(3) A > A, B$$

Por sua vez, o princípio da persistência, já aqui exposto, é descrito por este autor como tendo a função de relacionar o significado e as funções de um item gramatical com a sua história enquanto um morfema lexical. Nas suas palavras: «This relationship is often completely opaque by the stage of morphologization, but during intermediate stages it may be expected that a form will be polysemous, and that one or more of its meanings will reflect a dominant earlier meaning» (Hopper, 1991:28).

Este princípio relaciona-se assim com o conceito de *cline*, que estabelece que as formas não mudam abruptamente, passando antes por um processo gradual de mudança. Existido, assim, um estágio intermediário em que a forma é polissémica, gerando-se uma situação de ambiguidade.

Por último, o princípio da especialização refere-se ao facto de que, em estádios finais de gramaticalização, o uso de uma determinada forma em determinada construção

se torna obrigatório, implicando isto que outras formas tendem a ser excluídas desse contexto: «Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings.» (Hopper: 1991, 22).

Como Hopper (1991:26-27) e Hopper e Traugott (2003:117-118) notam, um exemplo clássico de especialização é a construção de negação moderna do francês, que é carregada através da partícula de negação *ne* antes do verbo e da partícula de negação *pas* após este. Em estádios antigos do francês, existia uma variedade de nomes, com diferentes nuances semânticas, que podiam surgir após o verbo para reforçar a negação da partícula de negação original: *pas*, *point*, *mie*, *gote*, *amende*, etc.

À medida que algumas das formas foram gramaticalizando nesta construção, ou seja, foram sofrendo dessemantização e, portanto, adquirindo significados mais abstratos – ainda que com diferentes nuances semânticas associadas –, os seus significados foram-se sobrepondo, determinando que algumas dessas formas – as que ocorriam menos frequentemente –, se tornassem redundantes e caíssem em desuso. Assim, no século XVI, apenas as formas *pas*, *point*, *mie* e *goutte* continuavam em uso, sendo *pas* e *point* as mais frequentes, razão pela qual já no período moderno eram as únicas que continuavam a ser usadas neste contexto. De todas as formas em uso, *pas* foi a que prevaleceu, sendo atualmente obrigatória.

Deste modo, à medida que as formas vão gramaticalizando nos mesmos contextos, tendem a adquirir significados mais abstratos e, portanto, mais semelhantes. Aumenta, assim, a probabilidade de estas formas se sobreporem, gerando casos de ambiguidade, o que eventualmente resulta em que as formas que ocorrem menos frequentemente se tornem redundantes e caiam em desuso.

Ou seja, a competição de formas para a marcação dos mesmos valores semânticos em construções idênticas determina que, eventualmente, algumas dessas formas sofram obsolescência, enquanto outras tendem a tornar-se obrigatórias nessas construções. É, geralmente, a frequência de ocorrência que determina as formas que prevalecem.

4. *SER E ESTAR EM PORTUGUÊS MEDIEVAL*

4.1. *Ser*: um paradigma híbrido

Ao atentarmos em dados históricos, observa-se que esta oposição entre um valor de transitoriedade e um valor de permanência ou inerência, atribuído aos verbos *estar* e *ser* respetivamente, nem sempre esteve delimitada na língua portuguesa como atualmente acontece, constatando-se que existiam contextos em estádios anteriores da língua em que os valores associados a estes verbos se sobrepunham.

Em primeiro lugar, é necessário relembrar que o paradigma *ser* é um paradigma supletivo, ou seja, é um paradigma que, etimologicamente, inclui formas derivadas de dois paradigmas latinos distintos e, portanto, que possui alternâncias supletivas – isto é, em que existe uma relação paradigmática entre formas que não partilham material fonológico (Juge, 2000:183). Tal deve-se ao facto de o paradigma *ser* ser um paradigma híbrido que advém da fusão de dois paradigmas latinos distintos: *esse* ('ser') e *sedere* ('estar sentado'): «Como é sabido, a conjugação moderna de *ser* resulta da fusão de duas conjugações distintas, uma das quais provém de formas do latim *esse* (*som*, *es*, etc.) e outra de formas do latim *sedere* (*seja*, etc, *ser*.).» (Teyssier, [1989]2005:125). Deste modo, coexistem dentro deste paradigma formas originais de paradigmas distintos, o que é evidenciado na sua irregularidade.

Relativamente ao modo como este paradigma veio assim a ser constituído, Nunes ([1919] 1956:294) afirma o seguinte: «Decerto em virtude da sinonímia da significação, que na língua vulgar existiu entre os verbos *esse* e *sedere*, resultou que o primeiro tomou do segundo, que tinha conjugação completa, formas que não possuía ou perdera no território galécio-português, como foram: o gerúndio, infinitivo e portanto futuro e condicional, o conjuntivo e imperativo.» Deste modo, aquando da formação do paradigma *ser*, para os tempos verbais mencionados por Nunes, existiam apenas formas derivadas de *sedere*. Porém, para os restantes, existam formas derivadas tanto de *sedere*, como de *esse*.

Assim, na história deste paradigma, houve momentos em que coexistiram formas de ambos os paradigmas, sobretudo, formas de presente, de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito do indicativo, tendo depois as formas de *sedere* caído em desuso, sendo integralmente substituídas por formas derivadas de *esse*: «Na idade média, estas duas conjugações [*esse* e *sedere*] coexistiam em certos tempos, sobretudo no presente e

imperfeito do indicativo¹⁵ [...]. No início do século XVI as formas derivadas de *esse* tinham prevalecido sobre as derivadas de *sedere*, que desapareceram da língua literária comum.» (Teyssier, [1989]2005:125-126). Assim, em português medieval, no seio do paradigma *ser*, existiam três tempos verbais – o presente do indicativo, o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo – para os quais estavam disponíveis formas de dois paradigmas verbais distintos.

Atentando neste dado, o principal objetivo neste capítulo é o de avaliar se existem dados do português medieval que permitam estabelecer a existência de uma oposição de valores dentro do próprio paradigma *ser*, fator que teria conduzido este verbo a competir com *estar* para a marcação do valor semântico de transitoriedade.

Em específico, averigua-se a hipótese, dentro do quadro de estudos da gramaticalização, de que formas derivadas de *sedere* ('estar sentado') marcariam um valor genericamente caracterizável como mais transitório, por oposição a formas derivadas de *esse*, que marcariam um valor de permanência ou inerência, devido a alguma persistência dos valores etimológicos destes verbos latinos.

Esta hipótese é assim formulada por Mattos e Silva (1992:90): «Vale recordar que na sua história pregressa (...) **ser** tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos **sedere**, 'estar sentado' [...] e **esse**. Esse fato permite sugerir que (...) em **ser** confluem o |+ transitório| de **sedere** e o |+ permanente| de **esse**.»

4.2. *Ser e estar* em português medieval: revisão da literatura

Este é um tema que, no âmbito da língua portuguesa, tem sido trabalhado sobretudo por Mattos e Silva (1992, 2002) e Brocardo (2011, 2014). São também estas autoras que fornecem a hipótese explicativa para a evolução dos valores destes verbos que é explorada e desenvolvida nesta dissertação.

Tanto Brocardo (2014:99-100) como Mattos e Silva (2002b:110) começam por notar que se atesta pelo menos até ao final século XIV instâncias em que estes verbos são utilizados ainda com sentido etimológico, isto é, com o sentido dos verbos latinos

¹⁵ De notar que existe um terceiro tempo verbal – o pretérito perfeito –, no qual formas de ambos os paradigmas coexistiam. Teyssier ([1989]2005:125-126) não faz menção deste, possivelmente, por se registar um menor número de ocorrências de formas derivadas de *sedere* deste tempo na obra de Gil Vicente relativamente aos outros dois mencionados. Este era já o caso no séc. XIII, como poderá ser conferido adiante.

de que derivam: *estar* (<*stare*, ‘estar em pé’) e *ser* (<*sedere*, ‘estar sentado’). Tal é verificável em exemplos como¹⁶:

- (1) E todo ome q(ue) for uozeyro razoe o preyto **stando** en pee leuantado e nã **seendo** [FR final séc. XIII?]
- (2) O juiz deve dar a sentença em publico e en logar conuenial e nã en logar torpe. E deve dar a sentença **seendo** e nã **stando** nêe andando. [TP final séc. XIII?]
- (3) Quando esto viu Galvam nom ho[u]ve tanto de poder que podesse falar rem nem que podesse **estar**; ca lhi faleceu o coração e o corpo e caeu em meo do paaço como morto [DSG final séc. XIV]

Porém, como Brocardo (2014:99-100) nota, o uso de *estar* neste sentido é menos frequente (‘residual’, nas suas palavras) que o de *ser*: tal é patente no exemplo (1), em que se recorre à perífrase “estando em pé levantado”, enquanto *seendo* ocorre ainda com o sentido de ‘estando sentado’. Não obstante, ambas as autoras parecem considerar que este tipo de uso dos verbos é arcaizante, uma vez que, para além de pouco frequente, parece ocorrer sobretudo em géneros textuais em que o uso de uma linguagem conservadora ou mais próxima do latim é expectável, como é o caso do género jurídico (Brocardo, 2014:99) ou do género notarial (Mattos e Silva, 2002a:158).

Para além disto, formas derivadas de *ser* também ocorriam para a expressão de valores de transitoriedade, ou seja, em contextos em que atualmente se utilizaria o verbo *estar*. Em primeiro lugar, Brocardo (2014:103-104) e Mattos e Silva (1992:88) notam que formas derivadas de *sedere* também eram utilizadas com o sentido genérico de ‘estar’, tanto em contextos descritivos – (4) –, como em contextos locativos – (5) e (6):

- (4) Que trist’oie que eu **sejo**! [CV 389, Nunes 1981:229]
- (5) **Seendo** o honrado padre en sa cela [DSG final séc. XIV]
- (6) e que o plazo que **síia** en Pedroso [DPs 1273]

Porém, não só formas derivadas de *sedere* eram utilizadas com o sentido de ‘estar’, mas também formas derivadas de *esse*, novamente, tanto em contextos descritivos – (7) e (9) –, como em contextos locativos – (8) e (10):

- (7) O priol **foi** desto muy coitado [LLC final séc. XIV]

¹⁶ Todos os exemplos que constam neste ponto são apresentados por Mattos e Silva e Brocardo nos textos mencionados. Não obstante, as fontes dos exemplos são referidas no final desta dissertação.

- (8) e os caualeiros que **erã** ã terra filhauãse pelos lazos das capelinas [LLC final séc. XIV]
- (9) As sas duas irmããs que **eran** mui coitadas pola sa morte, veeron ao bispo [DSG final séc. XIV]
- (10) Ca as donas que enton presentes **foron**, contaron-no aas outras [DSG final séc. XIV]

Deste modo, verifica-se que era corrente a utilização de formas pertencentes ao paradigma *ser* em contextos em que atualmente se utilizaria o verbo *estar* ou, por outras palavras, que era possível encontrar formas de *ser*, tanto derivadas de *sedere* como de *esse*, para a marcação de um valor semântico de transitoriedade.

Não obstante, um dado relevante apontado por Brocardo (2014:103) é que nos casos em que dentro do paradigma de *ser* há formas derivadas de ambos os paradigmas latinos, isto é, em que coexistem formas derivadas tanto de *esse* como de *sedere* para marcar a mesma pessoa e número do mesmo tempo verbal, são seleccionadas apenas formas derivadas de *esse* para a marcação do valor de permanência.

Também Teyssier (2005:128) ao analisar as formas derivadas de *sedere* no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo na obra de Gil Vicente, autor do século XV-XVI, ou seja, do período em que a fusão entre *esse* e *sedere* está praticamente fixada¹⁷, dando assim origem ao paradigma *ser* como hoje o conhecemos, afirma o seguinte:

«Efectuámos [...] sondagens que nos mostraram que os exemplos de *ser* no sentido moderno são incomparavelmente mais numerosos que aqueles em que o verbo apresenta o sentido do moderno *estar*. É, como se vê, exactamente o contrário do que observámos para as formas do tipo *sejo*, *sés*, etc., visto que, de um total de treze, apenas duas destas apresentam o sentido do moderno *ser*, enquanto onze têm o sentido de *estar*. Assim, estas variantes são duplamente arcaicas, porque o são não só pela forma, mas também pelo sentido.»

¹⁷ «A conjugação de *ser*, que resulta da fusão em um paradigma único dos paradigmas de dois verbos [...] está praticamente fixada na segunda metade do século XVI» (Teyssier, 1982:68)

É sugestivo que, num autor desta época, em que a oposição entre os valores dos verbos *ser/estar* já estaria consolidada, persista associado o valor de transitoriedade associado às formas de *sedere* que vieram a cair em desuso.¹⁸

Relativamente à expressão do valor de permanência ou de inerência, eram selecionadas apenas formas derivadas de *ser*, como afirmado por Brocardo (2014:103) – «Para a expressão deste valor [inerência, permanência ou estabilidade] ocorrem apenas formas de *ser*» – e Mattos e Silva (1992:89) – «pode-se marcar o atributo quer locativo quer descritivo com o traço semântico |+ transitório| e é neles que a variação **ser/estar** ocorria, já que nos atributos marcados como |+ permanente| é o verbo **ser** o predicator». Ou seja, *estar* está excluído destes contextos.

Assim, estes verbos competiram apenas para a marcação do valor de transitoriedade – competição em que *estar* prevaleceu, como é verificável no português atual. No excerto abaixo transcrito, a ocorrência numa mesma sequência textual de formas de *ser* e *estar*, ambos com o sentido de ‘estar’ (potencialmente mais próximo do valor do atual ‘ficar’ no segundo caso) parece também sustentar esta generalização:

(11)Eno nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de deus rei de Portugal,
seendo sano e saluo, temête o dia de mia morte (...) fiz mia mada per que
delpos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e
todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder **sten** en paz e en folgacia.
[TAII 1214]

Fazendo um estudo mais aprofundado da evolução destes verbos em estruturas atributivas no período entre o século XIII e o século XVI e, também, uma análise quantitativa dos valores marcados por estes, Mattos e Silva (1992, 2002) observa que no período arcaico *ser* ocorria frequentemente neste tipo de estruturas em contextos em que atualmente se utilizaria o verbo *estar* e que o uso de *estar* veio a aumentar progressivamente nestas ao longo destes séculos. Segundo esta autora, nos meados do século XVI, a oposição semântica entre estes verbos viria a estar já bem estabelecida,

¹⁸ Por outro lado, também é de notar que se 2 das ocorrências 11 de formas derivadas de *sedere* ocorrem com o sentido de ‘ser’, então este número é muito superior ao que se verifica no *corpus* aqui constituído, com exemplos do séc. XIII: 1 em 113. Considerando que estes são usos arcaizantes na obra de Gil Vicente, tal poderá indicar que, de facto, nesta época a distinção *ser/estar* já estava bem consolidada.

embora a variação no uso de *ser* ou de *estar* para a marcação do valor de transitoriedade ainda fosse possível¹⁹.

Dada esta breve exposição da literatura existente relativamente ao percurso diacrónico do paradigma *ser* e dos valores semânticos a este associados, serão analisados alguns dados que sugerem que pode ser atribuído um papel na história da evolução dos valores semânticos destes verbos ao facto de *ser* ser um paradigma híbrido.

4.3. Ocorrências de *ser* e *estar* em português medieval

Para se proceder ao levantamento das ocorrências destas formas em português medieval, recorreu-se ao *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL, FCSH-UNL) e ao *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (CIPM/DVPM).

Como *corpus* optou-se por seleccionar alguns dos mais antigos textos poéticos em português: cantigas datadas ou datáveis do século XIII (de acordo com a datação constante no CIPM) – cantigas de escárnio e maldizer, de amigo e de amor, e as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1264-1284), rei de Castela e de Leão a partir de 1252. Acerca destes textos Teyssier (1982:21) afirma o seguinte:

«Estas compilações [...] são escritas numa língua complexa, que tem por base os falares da Galícia e do Norte de Portugal. Nela se documentam arcaísmos notáveis, a atestarem que, para o seu público, esta literatura tinha passado. Os autores são tanto galegos como portugueses. Entre eles encontram-se até leoneses e castelhanos. O galego-português, em suma, aparece nessa época como a língua exclusiva da poesia lírica».

Este *corpus* foi assim constituído com base num critério de género – a poesia lírica – e de data – o século XIII. O motivo pelo qual se seleccionou este género literário e este período prende-se sobretudo com a metodologia que se adotou: a análise de formas de *sedere* que vieram a cair em desuso, sendo substituídas por formas de *esse*.

¹⁹ Mattos e Silva (2002b) analisa os usos de *ser* em estruturas atributivas para a expressão do valor de transitoriedade numa amostra das cartas de D. João III, meados do séc. XVI, e verifica que em 82% das ocorrências este verbo é utilizado para expressar o valor de permanência e em 18% dos casos de transitoriedade. Conclui, assim, que o traço semântico de transitoriedade expresso pelo verbo *ser* está claramente a cair em desuso nesta época e que a oposição entre estes verbos já estava bem definida, embora a variação ainda fosse possível.

A razão pela qual se opta pela análise destas formas em específico é o facto de, tendo estas formas coexistido com formas derivadas de *esse* e competido com elas para a formação do paradigma *ser*, se for o caso que de facto existe uma diferença semântica entre estas em termos de marcação de um valor de transitoriedade, por oposição a um de permanência, tal deverá ser perceptível em momentos históricos em que se tinha à disposição formas derivadas de ambos os paradigmas, esperando-se que cada uma seja preferida para a marcação destes hipotéticos valores que lhes são atribuídos. Ou seja, pretende-se investigar qual dos paradigmas – *esse* ou *sedere* – é preferido para expressar transitoriedade ou permanência.

Para além disto, analisa-se ainda alguns dos tipos de construções em que estas formas ocorrem, fazendo-se um paralelo com as atuais possibilidades de ocorrência dos verbos *ser* e *estar*, com o objetivo de se averiguar se é possível associar aos paradigmas *sedere* e *esse* algumas das atuais restrições ou possibilidades de ocorrência destes verbos. Procede-se assim não só a uma análise semântica, mas também a uma análise de contextos sintáticos, procurando-se estabelecer alguns paralelos no funcionamento do atual verbo *estar*, com o então paradigma *sedere*, de modo a atestar a hipótese de que formas derivadas de *sedere* estariam mais próximas de formas de *estar*, o que deverá ser visível não apenas a um nível semântico, mas também a um nível funcional.

Esta análise é motivada, sobretudo, por um dos princípios da gramaticalização mencionados: o princípio da persistência. Este princípio visa relacionar a funções de um item gramatical com a sua história enquanto morfema lexical e, segundo Hopper (1991:28), embora esta relação venha frequentemente a tornar-se opaca, é expectável que no seu percurso diacrónico, as formas passem um estágio de polissemia, em que traços dos seus valores semânticos anteriores persistem.

Justifica-se, assim, tanto a seleção do período histórico como do género literário: é neste período histórico que é possível atestar um elevado número de formas derivadas de *sedere* que competiam com formas derivadas de *esse*, o que, como referido por Teyssier (1982:21), não é independente do género literário, uma vez que este promovia o uso de uma linguagem arcaica.

Assim, neste ponto, registam-se as ocorrências das formas derivadas de *sedere* de presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo, que são aquelas que vieram a ser integralmente substituídas por formas de *esse*, e visa-se sistematizar os

valores semânticos que marcam, analisar o género de construções em que ocorrem – comparando com formas derivadas de *esse* –, e o género de contexto em que ocorrem.

4.3.1. As formas derivadas de *sedere*

4.3.1.1. Presente do Indicativo

Em cantigas do século XIII, atestou-se um total de 57 ocorrências de formas de presente do indicativo derivadas de *sedere*, apresentadas em seguida²⁰:

- (1) Amigas tamanha coita nunca sofri pois foi nada, e direi vola gran coita con que eu **sejo** coitada [CAmi123]
- (2) Nunca vós vejades coita, amigas, qual m' oj' eu vejo, e direi vos a mha coita con que eu coitada **sejo** [CAmi123]
- (3) And'eu morrend'e morrendo **sejo** [CEM167]
- (4) Que fremosa que **sejo**, morrendo con desejo; [CAmi064]
- (5) Amigas, **sejo** cuidando no meu amigo, [CAmi354]
- (6) [...] pero, amiga, pos migo ben aqui, u mh ora **sejo**, [CAmi463]
- (7) Meu amig', u eu **sejo**, nunca perço desejo se non quando vos vejo, [CAmi502]
- (8) Quen lh' ora dissesse quan trist' oj' eu **sejo** [CAmi053]
- (9) A mais fremosa de quantas vejo en Santaren, e que mais desejo, e en que sempre cuidando **sejo**, [CAM621]
- (10) Oymais a morrer me conven, ca tan coytado **sejo** [CAM687]
- (11) e vós vivedes coitad' e con gran desejo de me veer e mi falar, e por en **sejo** sempr' en coita tan forte [CAmi499]
- (12) Que leda que oj' eu **sejo** [CAmi080]
- (13) Que trist' oje que eu **sejo**, [CAmi159]
- (14) Coitada **sejo** no meu coraçõ por [que] meu amigo diz ca se quer ir daqui [CAmi164]
- (15) Per quant'eu vejo, perco-me desejo, hei coita e pesar; se and'ou **sejo** [CEM241]
- (16) Se m' a sela non seguir en que assentada **sejo** [CSM153]
- (17) el seve muito chorando, er seve por mi jurando u m' agora **sej'**, amiga [CAmi463]
- (18) **Sej'** eu morrendo con coita, tamanha coita me filha [CAmi123]
- (19) Per bo~a fe, mui fremosa sanhuda **sej'** eu [CAmi052]
- (20) **Sej'** eu fremosa con mui gran pesare mui coitada no meu coraçõ [CAmi316]
- (21) [...] e pois tu **sees** u el seé, roga por nos u mester for. [CSM080]
- (22) Lopo jogar, és gargantom e **sees** trist' ao comer; [CEM258]
- (23) [...] e pois tu **sees** u el **seé**, roga por nos u mester for. [CSM080]

²⁰ Todas as referências dos exemplos que constam neste ponto, 4.3., são do CIMP.

- (24) [...] e foi nos Ceos por el corõada,e a par dele **see** todavia. [CSM150]
- (25) Logo foron ajuntados quantos y eran enton, e os pees lle cataron e víronos de ffeyçon que os a te~er devia, e tan ben sãos que non podian mellor **see**-lo. [CSM391]
- (26) e guarda-m' a Virgen Santa, que con Deus **see** no trõo, e me sofreu en sas mãos pola ssa gran caridade. [CSM175]
- (27) E aly **ssé** oge dia, en que an gran devoçon todos. [CSM342]
- (28) Por Reynna tod' ome a terria que a visse a seu Fillo levar daqueste mund', e sigo a sobia ao ceo, u **ssé** con el a par e guia-nos com' Estrela do Mar; [CSM180]
- (29) e eu dizer-cho quero ca meu Fill', u el **ssé**, ten por ben que cho diga, e direi-cho, senner. [CSM296]
- (30) aqueste Santa Maria ouv' en si per bõa ffe, por que fez dela sa Madre Deus, e cabo dele **ssé** nos çeos, onde sa graça envia a nos acá. [CSM418]
- (31) eu yrei u é aquel, e este que **ssé** aqui ben enferrollado farei soltar. [CSM135]
- (32) Que con esta mia criada cuidas casar, pero me pes, que ja **ssé** eno taamo, toda ben coberta d' alffres. [CSM125]
- (33) Esto mui gran dereit' é de vos nenbrar das relicas da Virgen que con Deus **ssé** [CSM035]
- (34) De Deus nosso Padre que en ceo **ssé**. [CSM265]
- (35) Seu engano nada é, pois por nos ante Deus **sé** a en que ficou a fe, que nos caudela. [CSM190]
- (36) e de vós, amiga, cada u **sé** falando [CAmi507]
- (37) eu o ssey, mays por Deus, que no ceo **sé**, que me queyrades mal por em [CAM277]
- (38) Non vos é gran maravilla de lum' ao cego dar a que con Deus, que é lume, **sé** no ceo par a par. [CSM177]
- (39) Ca pois ela enos ceos **sé** con Deus e sa Madr' é [CSM177]
- (40) mais rog' a Deus, que [e]no ceo **sé** [CAmi454]
- (41) A primeira, que M é, mostra de com' a nossa ffe, naçend' ela, nasceu e **sé** y firm' a queno comedir. [CSM410]
- (42) De saber tan sabedor é, que ben du con seu fillo **sé** dali mostra, per"bõa fe, que mui longe vai seu saber. [CSM168]
- (43) Esta capela no alcaçar é da Santa Virgen u ficou a fe, e dentro hu~a ssa figura **sé** feita como quando pariu e jaz. [CSM122]
- (44) e poren, macar nos ceos ela con seu Fillo **sé** [CSM242]
- (45) No reino de Murça un logar é mui forte e mui nobre e que **sé** sobelo mar [CSM339]

- (46) non ést', a la ffe; ca non querria aquela que **sé** sempre con Deus e de nos non desten. [CSM142]
- (47) O fillo da dona que **sé** no altar mayor [CSM353]
- (48) Diss' el Rey: "Sancta Maria muy pagada de vos é, ca a sua magestade vos chamou, que aqui **sé**." [CSM281]
- (49) O logar u a omagen del Rei Don Fernando **sé** tan rico e tan fremoso e atan aposto é [CSM292]
- (50) aly oraron u a ssa eigreja **sé** [CSM329]
- (51) á y hu~a omagen que ten seu Fillo, mui bel meny~o, ontre seus braços, e **sé** en u~u capitel fremos' e mui ben lavrado, posto sobelo altar. [CSM332]
- (52) E quanto no Testamento Vedro e no Novo **sé** escrito mui ben sabia [CSM053]
- (53) porend' a Deus, teu Fill', u **sé** roga que são e en paz mio dé [CSM146]
- (54) Joam Fernandes, o mour', outrossi, nos maltalhados o vejo contado; e pero maltalhados **semos** nós, s'homem visse Pero da Ponte em cós, semelhar-lh'-ia moi peor talhado. [CEM071]
- (55) Pois [que] vos vós cavidar nom sabedes deste marido com que vós **seedes** [CEM323]
- (56) Mas vos que **sedes** padre da lee e joyz, rogad' a Deus que desto a quera guarecer. [CSM251]
- (57) Busco meu abade, que agor' aqui leixey, e o prior e os frades, de que mi agora quitey quando fui a aquela orta; u **seen** quen mio dirá? [CSM103]

Em primeiro lugar, apontamos para o facto de em apenas uma das 57 ocorrências – (15) – o verbo *sedere* ocorrer ainda com o sentido etimológico²¹: «*Per quant'eu vejo, perco-me desejo, hei coita e pesar; se and'ou sejo*» [CEM241]. O facto de a forma do verbo *ser* aparecer associada a uma forma do verbo *andar* sugere que aquele é aqui utilizado com o sentido de 'estar sentado'. Por outro lado, já (16) evidencia claramente a dessemantização deste verbo: «*Se m' a sela non seguir en que assentada sejo*» [CSM153].

Em termos de construções, aponta-se também que estas formas podem ocorrer com gerúndio e com participípio passado / adjetivo: 5 das ocorrências são construções do

²¹ Possivelmente, exclui-se aqui algumas ocorrências em que não é possível determinar com certeza se o verbo está ocorrer com sentido etimológico ou com o sentido genérico de 'estar'. Chama-se, assim, a atenção para o facto de que este número poderá ser superior ao que é apresentado.

género *sedere* + gerúndio – (3), (5), (9), (18) e (36) – e 8 de *sedere* + adjectivo / participípio passado²² – (1), (2), (10), (14), (16), (31), (43) e (52).

Analisando-se as restantes ocorrências, verifica-se que possuem sempre o sentido de ‘estar’, ou seja, marcam sempre um valor de transitoriedade, exceto, pelo menos, em um caso. Em (54), julga-se não ser possível determinar se o verbo *sedere* está a ser utilizado com o atual sentido de *estar* ou de *ser*: neste contexto, tanto poderá ser parafraseado por “maltalhados estamos nós” como “maltalhados somos nós”.

Porém, na ocorrência (56) a interpretação de ‘ser’ parece ser a única possível: «*Mas vos que sedes padre da lee e joyz*» [CSM251]. Nesta mesma cantiga é possível atestar uma forma da mesma pessoa/número, mas derivada de *esse*, embora num contexto diferente: «*Ma[n]tenent' o convento levaron manaman logo dali a moça, pero con grand' affan chorando e dizendo: "Monjas, de mal talan sodes, porque meu fillo mi fezeistes perder."*» [CSM251]. Este caso parece assim constituir um contraexemplo à afirmação de que dentro do paradigma de *ser* são sempre seleccionadas formas derivadas de *esse* para a marcação do valor de permanência quando estão disponíveis formas derivadas de ambos os paradigmas. Porém, no total das 113 ocorrências atestadas neste *corpus*, este é um caso único²³.

Para além disto, surgem também tanto em contextos locativos, como descritivos, verificando-se que são ligeiramente mais produtivas em contextos locativos: 32 das ocorrências são em contexto locativo, contra 24 em descritivo.

Porém, talvez seja pertinente notar que nas cantigas de cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer se registam 20 das 24 ocorrências em contexto descritivo e 5 das 32 em contexto locativo. Assim, enquanto nas Cantigas de Santa Maria as ocorrências de *sedere* se registam preferencialmente em contexto locativo (27 em locativo, contra 4 em descritivo), o mesmo já não se verifica nas restantes cantigas.

Nestes conjuntos de cantigas, encontra-se também várias ocorrências de formas de presente do indicativo derivadas de *esse* – formas com as quais as anteriores

²² Mantém-se aqui a formulação “adjetivo/participípio passado” devido à problemática da categorização dos participípios passados em estruturas passivas adjetivais/estativas, que é abordada no ponto 4.3.3.

²³ Dado estes números, mantém-se a generalização de que dentro do paradigma de *ser* são sempre seleccionadas formas derivadas de *esse* para a marcação do valor de permanência quando estão disponíveis formas derivadas tanto de *esse* como de *sedere*. Sugere-se, assim, que a semelhança formal de *sedes/sodes* poderá ter induzido algum tipo de ‘troca’, não obstante, esta hipótese é meramente especulativa.

competiam para a formação do paradigma *ser* –, algumas das quais com o sentido de ‘estar’. Comparando-se com as formas de presente do indicativo derivadas de *esse*, estas ocorriam tanto para a expressão de propriedades permanentes ou inerentes – (61) e (63) –, como com o sentido de ‘estar’. Enquanto expressam transitoriedade, estas formas ocorrem não só em contextos descritivos – (58), (59) e (60) –, mas também locativos – (62):

- (58) D’u~a donzela ensanhada **sõõ** eu maravilhado de como foi razoada [es]contra mi noutro dia [CEM009]
- (59) Do que dizedes nom **sõõ** pagado [CEM074]
- (60) Os trobadores e as molheres de vossos cantares **som** nojados [CEM250]
- (61) e por esto nom **sõõ** pecador de comer bem [CEM272]
- (62) Se Deus mi valha, vedes porque nom vos trobei d’Acri nem desse logar: porque nom virom quantos aqui **som** que nunca vós passastes além mar. [CEM362]
- (63) E faço mui guisado, pois **sôo** servidor da que mi nom dá grado [CAM048]

Não obstante, apesar de não ter sido feita uma análise exaustiva ou quantitativa, uma breve análise das ocorrências de *ser* (<*esse*) que são usadas com o sentido de ‘estar’, parece sugerir que estas aparecem predominantemente em contextos descritivos, sendo mais difícil encontrar ocorrências em que este verbo surge em contexto locativo.

Deste modo, da análise das ocorrências destas formas nestas cantigas, pode concluir-se que, à exceção de um caso, as formas derivadas de *esse* são as únicas que ocorrem para a marcação do valor de permanência ou inerência – ainda que também ocorram com o valor de transitoriedade, sobretudo em contextos descritivos –, enquanto formas derivadas de *sedere* são selecionadas apenas para a marcação do valor de transitoriedade. Para além disto, surgem também em construções com gerúndio, que são típicas do verbo *estar* em português contemporâneo, e em construções com particípio passado com o sentido de ‘estar’.

4.3.1.2. Pretérito Imperfeito do Indicativo

De formas de pretérito imperfeito do indicativo, atesta-se um total de 35 ocorrências de formas derivadas de *sedere*:

- (1) **Seía** m’ eu na ermida de San Simho [CAmi194]
- (2) Cavalgava noutro dia per un caminho francês e u~a pastor **síia**, cantando con outras três pastores [CAmi051]
- (3) **Sedia** la fremosa seu sirgo torcendo [CAmi095]

- (4) **Sedia** la fremosa seu sirgo lavrando [CAmi095]
- (5) **Sedia**-xi Dom Belpelho em u~a sa maison que chamam Longos, [d]ond'eles todos som. [CEM075]
- (6) Cavalgava noutro dia per o caminho francês e Ûa pastor **siia** cantando con outras trê[s] [CAM321]
- (7) Como lh'outra vez já filhou a cadeira u **siia** o Filh' [CEM123]
- (8) ca lle parecia que ostias a comer lles dava Santa Maria, que viia resprandecer eno altar u **siia** [CSM004]
- (9) poren prometeu dar hũa touca per a omagen onrrar que no altar **siia** da Virgen. [CSM018]
- (10) ali o fog' e queimou quant' avia na eigreja, mas non foi u **siia** a omagen da que foi Virgen pura. [CSM039]
- (11) Tod' aquesto foi cuidando mentre **siia** comendo [CSM045]
- (12) e pero non **siia** en sela mas tũa na mã' un baston que resprandecia. [CSM049]
- (13) E a Virgen que nos valla, quando ll' a alma sayda foi do corpo sen baralla (...) lla levou u Deus **siia**. [CSM132]
- (14) sse a alá non levass' hũa sela en que **siia**, que nunca yria alá [CSM153]
- (15) Como Santa Maria quis guardar hũa moura que tũa seu fillo en braços u **siia** en hũa torre [CSM205]
- (16) [C]omo Santa María de Castroxerez guardou a gente que **siia** na ygreja [CSM266]
- (17) [C]omo un jogar quis remedar como **siia** a omagen de Santa Maria, e torçeu-se-lle a boca e o braço. [CSM293]
- (18) Hũa omagen fremosa da Virgen Santa Maria, de pedra mui ben lavrada sobre la porta **siia** [CSM294]
- (19) Ca ela non tardou quando nos acorreu e da prijon sacou du Eva nos meteu, u pesar e cuidar sempre nus creçia; mais guiar e levar foi u Deus **siia**. [CSM380]
- (20) Um cavaleiro havia u~a tenda mui fremosa que, cada que nela **siia**, assaz lh'era saborosa; [CEM471]
- (21) Ai, Deus, consentistes ou dormistes u mi o moço prenderon e tolleron que ante mi **siia**? [CSM115]
- (22) Hu~a omage pintada na rua **siya** en tavao, mui ben feita, de Santa Maria [CSM034]
- (23) Por que **siya** tan trist' e tan muit' e assi chorava. [CSM227]
- (24) Miragre! ca tan espessa **siya** a gent' aly aquele sermon oyndo [CSM266]
- (25) E desto vos mostro prova verdadeira do sol quando fer dentro ena vidreira, que pero a passa, en nulla maneira non fica britada de como **siya**. [CSM413]
- (26) Do meu amor e do voss[o] en ment' avian (vós lhi tolhestes os ramos en que **siían**) [CAmi016]

- (27) Vós lhi tolhestes os ramos en que **siian** e lhis secastes as fontes en que bevia[n]
[CAmi016]
- (28) Ond' ave~o que un dia ambos jantando **siiam** e que todo-los sergentes, foras
aquele, servian [CSM067]
- (29) Ficou já a dona mui bem andante, ca a loarom quantos ali **siiam**, e todos dela muito
bem diziam; [CEM187]
- (30) Ond' ave~o pois un dia que **siian** a seu jantar; [CSM084]
- (31) E **siian** as[s]entadas en palla, non en tapede; [CSM075]
- (32) Foi-ss' el Rey pera Castela u morou dez anos; e pois ve~o a Sevilla, achou grandes
danos nas relicas, pero **siian** envoltas en panos; [CSM257]
- (33) U **seyam** comendo cabo daquela fonte, [CSM057]
- (34) Aqueste jogar jogava os dados, com' aprendi, e descreya tan muyto, que
quantos **seyan** y foron en tan espantados que sse foron os mais d'y [CSM238]
- (35) Toda-las outras relicas achou mal danadas e as arcas en que **seyan** mal
desbaratadas [CSM257]

Verifica-se que estas formas derivadas de *sedere* ocorrem tanto em contextos locativos como descritivos e que possuem o sentido de ‘estar’ em todas as ocorrências.

Para além disto, 7 das ocorrências registam-se em contexto de *sedere* + gerúndio: (2), (3), (4), (6), (11), (28) e (33). De notar, que em todas estas ocorrências este verbo permite uma leitura de ‘estar sentado’, sobretudo em contextos como (11), (28) e (33): “*siia comendo*”, “*gantando siiam*” e “*U seyam comendo*”.

Verifica-se, também, que, nas Cantigas de Santa Maria, este verbo ocorre 10 vezes em contexto descritivo e 14 em locativo. Já nas restantes cantigas, sucede o oposto do que se verificou com formas de presente do indicativo: atestam-se 4 em contexto descritivo (todas em contexto de *sedere* + gerúndio) e 7 em locativo.

Atentando-se em algumas das ocorrências de formas de pretérito imperfeito do indicativo derivadas de *esse*, verifica-se novamente que formas de pretérito imperfeito do indicativo derivadas de *esse* ocorriam tanto para a expressão do valor de permanência – as duas primeiras ocorrências em (36) e a de (38) –, como com o sentido de ‘estar’, não só em contextos descritivos – exemplo (39) –, mas também locativos – última ocorrência em (36), (37) e (41). Com formas de pretérito imperfeito, parecem ser já mais frequentes as ocorrências de formas derivadas de *esse* em contextos locativos, no entanto, não foi realizado nenhum estudo quantitativo a este respeito:

- (36) O meny~' a maravilla **er'** apost' e fremoso, e d' aprender quant' oya **era** muit' enge~oso; e demais tan ben cantava, tan manss' e tan saboroso, que vencia quantos **eran** en ssa terr' e alende [CSM006]
- (37) Enton tod' aquela gente que y juntada **era** foron correndo aa casa [CSM006]
- (38) E aquel vinn' **era** de vermelha coor [CSM073]
- (39) El atal vida fazend' en aquela montanna, estand' un dia pesca[n]do com' **era** ssa manna, chegaram ali navios de mouros [CSM095]
- (40) El Rey e quantos y **eram** deron porende loores aa Virgen gloriosa [CSM376]

Assim, estes dados demonstram novamente que as formas derivadas de *esse* são preferidas para a marcação do valor de permanência ou inerência, enquanto formas derivadas de *sedere* são selecionadas apenas para a marcação do valor de transitoriedade.

É ainda de menção um dos casos problemáticos que foi abordado no ponto relativo à descrição semântica dos verbos *ser* e *estar*: a associação do verbo *estar* ao adjetivo “morto”, que à partida denota uma propriedade permanente.

- (1) Ela assi jazendo, que **era** mais **morta** ca viva, braadand' e gemendo [CSM089]
- (2) mais jur' a Deus que quisera oír ante que **mort' era** [CAmi217]
- (3) Os frades, que cuidavan que **mort' era**, porque un dia sen fala jouvera [CSM054]
- (4) Se Dom Martinh' **é morto**, sem prez e sem bondade, ôimais, maos costumes, outro senhor catade [CEM322]
- (5) Esta é como Santa Maria de Tudia resorgiu u~u menynno que **era morto** de quatro dias. [CSM347]
- (6) Diz hu~u deles: "Que farei? Aquest' om' **está** ja **morto** ou mui preto de morrer" [CSM329]

Como Lopes e Brocardo (2016:476) notam, em português medieval, formas compostas de verbos inacusativos, incluindo verbos originalmente depoentes como *morrer* e *nascer*, ocorriam com o verbo auxiliar *ser* (< *esse*), ao invés de *haver* ou *ter*. Assim, esta construção pode ser interpretada, como ‘morreu’ no caso (4) e ‘morrera’ em (2) e (3). Porém, esta mesma interpretação não é possível para os casos em (1) e (5).

Verifica-se, assim, que este adjetivo aparenta ocorrer também associado ao verbo *ser*. Para além disto, apenas formas derivadas de *esse* parecem ocorrer associadas a este adjetivo nos casos em que existem formas derivadas de ambos os paradigmas, uma vez que no corpus constituído não foi possível atestar nenhuma forma de *sedere* neste contexto. Este dado, entre outros, pode contribuir para consolidar a hipótese de que a

formas derivadas de *esse* estaria associado um valor de permanência, enquanto a formas derivadas de *sedere* estaria associado um valor de transitoriedade. Porém, é de notar que é também possível atestar ocorrências de *estar* neste contexto, como em (6).

4.3.1.3. Pretérito Perfeito do Indicativo

De formas de pretérito perfeito do indicativo derivadas de *sedere* atesta-se apenas 14 ocorrências, sendo que não se encontrou nenhuma ocorrência destas formas em cantigas de amor.

- (1) Nem vistes nunca nulh'home comer com'eu comi, nem vistes tal jantar, nem vistes mais viços'home seer do que eu **sevi**, em nem um lugar, ca a mim nom minguava nulha rem; [CEM084]
- (2) E muit'enfadado de seu falar **sevi** gram peça, se mi valha Deus, e tosquivam estes olhos meus. [CEM244]
- (3) Para mentes en quant' agora aqui viste outrosi [e] ena choça, ali u migo **seviste** [CSM075]
- (4) E que vos verdade diga, el **seve** muito chorando, er **seve** por mi jurando u m' agora sej', amiga, que logo m' enviaria manda[d' ou s' ar tornaria] [CAmi463]
- (5) U noutro dia **seve** Dom Foam a mi começou gram noj'a crescer de muitas cousas que lh'oi dizer. [CEM422]
- (6) El **seve** muit'e diss'e parfiou e a mim creceu gram nojo por en [CEM422]
- (7) E daquesta guisa **seve** muitos dias que deita-la per nulla ren non podia nen outrossi traspassa-la [CSM199]
- (8) E tod' aquesto foi feito dia de Pascua a luz per ela e per seu Fillo, aquel que **seve** na cruz que tragia nos seus braços [CSM235]
- (9) Non conven que seja feita ni hu~a desapostura eno lugar en que **seve** da Virgen a ssa fegura. [CSM312]
- (10) Enton aquel bõo ome **seve** gran peça cuidando de como viu este feito, e muito mentes parando [CSM335]
- (11) Pois que a oraçon feita ouve, tan toste ll'ataron as mãos atras e logo agynna o enforcaron (...). E asi **sev'** aquel dia o manço pendorado. [CSM355]
- (12) Contar non poderia do doo que fezeron a sogr' e a menynna e quantos y **severon** [CSM241]
- (13) assentaron-ss' a jantar; todos a hu~a fogueyra **severon** a derredor. [CSM245]

À semelhança dos casos anteriores, estas formas ocorrem em contextos locativos e descritivos e, também, em construções com gerúndio – duas ocorrências em (4) e uma em (10) – e, ainda, em contexto de *sedere* + adjetivo/particípio passado – (2) e (11).

Das 14 ocorrências, 7 são em contexto locativo e 7 em contexto descritivo. Novamente se verifica que nas Cantigas de Santa Maria há uma maior ocorrência destas em contexto locativo (5, contra 2 em descritivo), sendo que nas restantes cantigas constam 5 em contexto descritivo e 2 em contexto locativo.

Em relação às formas derivadas de *esse*, o mesmo se confirma que nos casos anteriores. Nos exemplos (16), (17) e (18), as formas derivadas de *esse* ocorrem com o sentido de ‘estar’, em contexto locativo em (16) e (17) e em contexto descritivo em (18). Já nos exemplos (14) e (15) marcam o valor de permanência/inerência:

(14) Eles nunca, pois nacerom, **forom** pegureiros; [CEM105]

(15) Bem sabedes, senhor Rei, des que **fui** vosso vassalo, que sempre vos aguardei
[CEM127]

(16) Depois, un dia de festa, en que **foron** juntados muitos judeus e crischãos e que
jogavan dados [CSM006]

(17) Daquesto foron [mui] maravillados quantos das terras y **foron** juntados [CSM039]

(18) que vos faça tan ledo seer migo quan leda **fui** oj’ eu, quando vos vi [CAmi289]

Posto isto, confirma-se que, à exceção de um caso, todas as formas derivadas de *sedere* que competiam com formas derivadas de *esse* eram selecionadas apenas para a marcação do valor de transitoriedade, aparentando, assim, ser o caso que estas formas eram preferidas para a marcação deste valor, enquanto as de *esse* eram preferidas para a marcação do valor de permanência. Este dado parece suportar a hipótese segundo a qual os valores etimológicos destes verbos teriam desempenhado um papel relevante na evolução semântica dos valores destes verbos – *ser* e *estar* –, fornecendo também uma possível hipótese explicativa para o facto de, em português medieval, estes terem competido para a marcação do valor de transitoriedade.

4.3.1.4. Outras ocorrências

Nestes conjuntos de cantigas atestam-se, ainda, 7 ocorrências de formas derivadas de *sedere* de tempos verbais cujas formas utilizadas eram, sobretudo, as derivadas de *esse*, nomeadamente, de pretérito mais-que-perfeito do indicativo, de imperfeito do conjuntivo e de futuro do conjuntivo.

Atentando, em primeiro lugar, na única forma de pretérito mais-que-perfeito derivada de *sedere* registada no DVPM, verifica-se que ocorre, previsivelmente, com o sentido de ‘estar’, em contexto de *sedere* + gerúndio:

- (1) De grand 'erro que á feito. E mui de rrijo chorando des i sacou seu cuitelo e estev' assi tallando sa lingua, con que a Virgen **severa** mal **de~ostando**. [CSM174]

Uma possível explicação para esta ocorrência poderá ser de cariz estilístico: evitar a repetição do verbo *estar*. Por outro lado, a forma regular *fora* (que ocorre frequentemente nestas cantigas) seria, neste contexto, interpretada como uma forma de *ir*²⁴, que neste género de construções já havia gramaticalizado para a marcação de valores aspetuais específicos. Se esta explicação for plausível, novamente se verifica uma proximidade entre os verbos *ser* (<*sedere*) e *estar*, que ocorrem neste contexto não só como sinónimos, mas também na mesma construção: *estar/sedere* + gerúndio.

Atestam-se, também, duas ocorrências de imperfeito do conjuntivo, que ocorrem com o sentido de ‘estar’, em contexto locativo:

- (2) E se vosco na casa **sevesse** e visse vós e a vossa color, se eu o mundo em poder tevesse, nom vos faria de todos senhor, nem d'outra cousa onde sabor houvesse. E d'u~a rem seede sabedor: que nunca foi filha d'emperador que de beldade peor estevesse. [CEM364]
- (3) Que, se ll' o cavalo désse / vivo, poren[de] posesse / un de cera que **sevesse** / ant' ela que todos vee. [CSM375]

No caso (2), a motivação parece ser semelhante à anterior: por um lado, manter a rima em *-esse*, por outro, evitar a repetição com o verbo *estar*, que ocorre no último verso. Em (3), já não se verifica necessidade de evitar a repetição com *estar*, porém, também é de notar que se atesta apenas uma única ocorrência de formas de imperfeito do conjuntivo de *estar* nas Cantigas de Santa Maria e em contexto semelhante²⁵.

Por fim, atestam-se quatro ocorrências de futuro do conjuntivo, 3 em contexto locativo e 1 em descritivo:

²⁴ Como será visto no ponto seguinte, parece ser o caso que formas derivadas de *esse* não ocorrem este género de construções.

²⁵ «E por aquesto sas cartas lles mandava que ve~essen / ali salvos e seguros con quanto trager quisessen, / e que non ouvessen medo, enquant' ali **estevessem**, / de perderen do seu nada nen prenderen dessabores / A que defende do demo as almas dos pecadores...» [CSM379]

- (4) Pois minha senhor me manda / que non vaa, u ela **seer'**, / quero-lh' o eu por én fazer, / pois m' o ela assi demanda. [CAM633]
- (5) Ca tu noit' e dia senpr' estás rogando teu Fill', ai Maria, por nos que, andando aqui pecando e mal obrand'-o que tu muit' avorreces- non quera, quando **sever julgando**, catar nossas sandeces. [CSM020]
- (6) e pois m'este ben feziste, quando me for mester, u teu Fillo **sever julgando**, queiras por mi razõar. [CSM362]
- (7) E disse a un seu ome: "Vai-te, senner, / ben aly u o Emperador **sever**; / aquestas cartas deitarás como quer / long' hu~a d'outra, ca ajuntadas non." / Sempr' a Virgen santa dá bon gualardon ... [CSM265]

Relativamente aos casos (5) e (6), a motivação parece, novamente, ser semelhante à do caso (1): formas derivadas de *esse* não ocorrem neste género de construções e, neste caso, seriam interpretadas como formas de *ir*. Já (4) e (7) parecem ser motivadas por questões de rima. No entanto, nestes casos, fica por determinar por que razão não foi utilizado antes o verbo *estar*, uma vez que, se bem que pouco frequentemente, eram também usadas formas de *estar* nestes tempos verbais.

4.3.2. *Sedere* + gerúndio

Constata-se que já no século XIII é possível encontrar a construção *estar* + gerúndio, que, de acordo com Lopes e Brocardo (2016:475), foi uma construção que gramaticalizou cedo na língua portuguesa, a par da perífrase *ir* + gerúndio:

- (1) Di-me que fazes, meu fillo, ou que **estás atendendo**, que non ve~es a ta madre, que ja sa mort' entende. [CSM006]
- (2) Ca tu noit' e dia senpr' **estás rogando** teu Fill' [CSM020]
- (3) E quantas donas eu vi, des quando me foi d' aqui, punhei de as cousir, e poilas vi, **estive cuidando** en vós, senhor [CAM245]
- (4) Vi coteifes de gram brio en'o meio do estio **estar tremendo** sem frio [CEM050]

Como já afirmado, neste período, é também possível encontrar este género de construções com o verbo *ser* (< *sedere*). Em português contemporâneo, esta construção é impossível, admitindo-se apenas o verbo *estar*: «Os dois verbos [*ser* e *estar*] ocorrem no mesmo tipo de construções sintáticas, excetuando-se as chamadas perífrases de progressivo, em que apenas se admite *estar* (cf. O João está / *é a trabalhar / trabalhando).» (Brocardo, 2014:97).

Não obstante, segundo Lopes & Brocardo (2016:475)²⁶ e Mattos e Silva (2008:441-444), em construções do género *seer* + gerúndio, o verbo *sedere*, à semelhança de *jazer*, ocorre ainda com sentido etimológico:

«O exame dessas sequências nos *Diálogos de São Gregório* nos sugeriu que *jazer* e *seer*, nas sequências com gerúndio, sempre mantinha o significado etimológico. Já *andar* e *estar* podem ocorrer, claramente, sem acepção etimológica. [...] O verbo *ir*, por sua vez, já expressa o aspecto durativo dinâmico, na maioria das ocorrências, sem indicação do seu valor semântico próprio» (Mattos e Silva, 2008:442).

O mesmo não se verifica nas ocorrências atestadas nestas canções, dos tempos verbais mencionados: das 18 ocorrências, apenas 9 aparentam permitir a leitura de ‘estar sentado’, ocorrendo as restantes 9 com o sentido genérico de ‘estar’. De notar, ainda, que enquanto nenhuma das ocorrências de presente do indicativo – (3), (5), (9), (18) e (36) – permite esta leitura, todas as ocorrências de pretérito imperfeito – (2), (3), (4), (6), (11), (28) e (33) – permitem²⁷.

Note-se, assim, que, apesar de estes dados sugerirem que este verbo está a passar por um processo de gramaticalização nestas construções, o verbo *sedere*, sobretudo no pretérito imperfeito, apresenta uma tendência para conservar o sentido etimológico consideravelmente superior ao que se verifica nos restantes contextos. Já o verbo *jazer*, apesar de não sido aqui efetuada uma análise exaustiva, aparenta conservar o seu sentido etimológico nestas construções. Porém, como Brocardo (2014:102) nota, as formas de *jazer* passaram em português antigo por um processo de dessemantização idêntico ao que ocorreu com *ser* (<*sedere*) e *estar*, podendo ocorrer com o sentido mais genérico de ‘estar’ ou ‘ficar’. Verifique-se, ainda, que estes verbos ocorrem frequentemente em contextos, e até a par de, outros verbos que vieram a gramaticalizar,

²⁶ «In past stages some occurrences of forms from *sedere* still show the preservation of their etymological “postural” value, while the lexical value of *estar* “stand” seems to have bleached earlier. Except for, perhaps, a few residual cases [...] periphrases with *estar*+ger show full grammaticalization [...]. This is never the case with *ser*: when it occurs in constructions with gerund, it has a lexical “postural” value [...] and we found no evidence for a grammaticalization process affecting the construction for the expression of the progressive aspect». (Lopes & Brocardo, 2016:475)

²⁷ Repare-se também que, nas cantigas de escárnio e maldizer, de amor e de amigo, no presente do indicativo estas formas ocorrem predominantemente em contexto descritivo (24 contra 5 em contexto locativo), já as formas de pretérito imperfeito ocorrem exclusivamente em contexto locativo. Parece, assim, existir uma diferença de valores associada aos diferentes tempos verbais.

como *ir* e *estar*, ou que estão a passar pelo processo de gramaticalização, como *andar*²⁸. Note-se, por exemplo, que todos estes verbos ocorrem a par de “cuidar”:

- (1) Tod' aquesto **foi cuidando** mentre **siia comendo** [CSM045]
- (2) E esta coita, de que eu **jaço cuidando** sempre, des que me deito, pois me levo, sol non é en preito, que cuid' en al; [CAM183]
- (3) Ve[e]des m'andar **morrendo**, e vós **jazedes fodendo** vossa mulher! [CEM166]
- (4) Amigas, **sejo cuidando** no meu amigo, [CAmi354]
- (5) Amigo, preguntar vos ei en que **andades cuidando**, pois que **andades chorando** [CAmi160]

Como afirmado, em 50% das ocorrências atestadas, o verbo *sedere* aparenta conservar ainda o sentido postural de ‘estar sentado’ – exemplificado em (1), (6) e (7). Noutros casos, apenas uma leitura de ‘estar’ parece ser possível, sobretudo quando este verbo ocorre no mesmo género de contextos em que aqueles verbos que vieram a gramaticalizar, gerando perífrases aspetuais, também ocorrem frequentemente – (8) e (9):

- (6) Ond' ave~o que un dia ambos **jantando siiam** e que todo-los sergentes, foras aquele, servian [CSM067]
- (7) U **seyam comendo** cabo daquela fonte, [CSM057]
- (8) **And’eu morrend’**e **morrendo seja**, e el tem sempr’o cono sobejo, e lazero-m’eu mal. [CEM167]
- (9) A mais fremosa de quantas vejo en Santaren, e que mais desejo, e en que sempre **cuidando seja**, non ch' a direi, mais direi-ch', amigo: ay Sentirigo! ay Sentirigo! al é Alf anx' e al Sesarigo! [CAM621]

Retomando a análise de Mattos e Silva (2008:441-444), a autora afirma o seguinte: «Os dados observados permitem admitir que a locução verbal com gerúndio se deixa ver com clareza com *ir*, *andar*, *estar*, nessa ordem, mas dificilmente com *seer* e *jazer*, que comportam significado etimológico. Confrontados com o português contemporâneo, vemos que *ser* e *jazer* desapareceram neste contexto e os outros permanecem com uma forma de expressar, associados ao gerúndio, o aspecto durativo,

²⁸ Cf. Brocardo e Correia (2012:126): as autoras notam que o processo de gramaticalização nestas estruturas começou mais tarde relativamente ao que sucedeu com os verbos *estar* e *ir*, uma vez que, neste período, estas construções permitem ainda uma leitura literal de movimento, ou são de interpretação ambígua, o que é indicativo de que o processo de gramaticalização ainda estava em curso neste período.

já portanto gramaticalizados esses verbos como auxiliares.» (Mattos e Silva, 2008:441-444)

A autora nota que, a este processo de gramaticalização, estão associados processos como o de dessemantização dos valores lexicais inerentes a estes verbos e a contiguidade dos constituintes em foco, observando que, nos casos em que os verbos não apresentam contiguidade ao gerúndio, mais facilmente podem ter uma leitura etimológica. Também *sedere* aparenta estar em variação neste aspeto:

- (5) Amigas, **sejo cuidando** no meu amigo, [CAmi354]
- (6) e de vós, amiga, cada u **sé falando** [CAmi507]
- (7) **Sedia** la fremosa seu sirgo **torcendo** [CAmi095]
- (8) E que vos verdade diga, el **seve** muito **chorando**, er **seve** por mi **jurando** u m' agora **sej'**, amiga, que logo m' enviaria manda[d' ou s' ar tornaria] [CAmi463]

Considerando que neste período o verbo *sedere* já havia dessemantizado completamente e que o seu uso com sentido etimológico era pouco frequente – como se verificou no ponto anterior –, é sugestivo, que neste género de construções, estas formas apresentem alguma resistência ao processo de gramaticalização, mantendo frequentemente o seu sentido etimológico²⁹.

Parece, assim, ser o caso que este processo está a atuar em dois sentidos diversos: por um lado, estes dados sugerem que este verbo está a passar por um processo de gramaticalização, o que, de acordo com este quadro de estudos, é uma ideia plausível, uma vez que este verbo não só ocorria em contextos em que já outros verbos tinham gramaticalizado ou estavam em processo de gramaticalização, tornando-se verbos auxiliares; como está tipologicamente próximo desses: *estar* (<*stare* – ‘estar em pé’); *jazer* (<*jacere* – ‘estar deitado’); *andar* (<*ambulare* – ‘andar’) e *ir* (paradigma supletivo que integra formas de *ire*, *vadere* e *esse*).

Por outro, tanto o verbo *ser* (<*sedere*), como *jazer* apresentam uma tendência para conservar o sentido etimológico neste género construções. Possivelmente, tal poderá dever-se ao facto de estas formas estarem a competir diretamente em termos semânticos com uma construção já gramaticalizada: *estar* + gerúndio. Note-se que, perdendo o valor postural original, todos estes verbos passam a exprimir, genericamente, ‘estar’: *stare*, ‘estar em pé’; *sedere*, ‘estar sentado’; e *iacere*, ‘estar

²⁹ Fica por investigar se existe alguma relação entre os tempos verbais e o sentido com que estas formas ocorrem ou se tal será um aspeto de mero acaso.

deitado’. O mesmo já não sucede com os restantes verbos auxiliares – *andar*, *ir* e, também, posteriormente, *vir* –, que nestas construções apresentam (ou viriam a apresentar) diferentes matizes aspetuais³⁰.

Investigou-se, ainda, se formas derivadas de *esse* podem ocorrer neste género de construções e verificou-se que, numa amostra de 200 cantigas – de CEM001 a CEM100 e de CSM001 a CSM100 –, não foi possível encontrar uma única construção deste género com uma forma de *ser* derivada de *esse*. Parece, assim, ser o caso que as formas derivadas de *esse* estão proibidas neste tipo de construções (algo que só uma análise exaustiva poderia confirmar). Tendo em conta que este é o único contexto sintático, em português contemporâneo, em que formas de *ser* não são admitidas, por comparação a formas de *estar*, este dado permite, novamente, consolidar a hipótese de que, de facto, formas derivadas de *sedere* estariam mais próximas do verbo *estar*, podendo, deste modo, ter sido responsáveis pela sobreposição do paradigma *ser* ao paradigma *estar* em português antigo.

Assim, a análise destas formas nesta construção permite evidenciar não só uma proximidade entre formas derivadas de *sedere* e formas de *estar*, como também a sua competição, o que poderá ter determinado eventualmente que formas derivadas de *sedere* caíssem em desuso nos casos em que existiam formas derivadas de ambos os paradigmas (*sedere* e *esse*), e uma posterior consolidação da oposição *ser/estar* em termos dos valores marcados. Neste sentido, um dado sugestivo a apontar é o facto de que o período em que a fusão de *esse* e *sedere* se fixa, dando assim origem ao paradigma de *ser* como hoje o conhecemos, coincide com o período em que a oposição entre os valores semânticos de *ser* e *estar* se consolida: a segunda metade do século XVI³¹. Neste período, apesar de ainda ser possível encontrar casos em que *ser* é utilizado para marcar um valor de transitoriedade, estes são pouco frequentes e parecem ser comumente considerados arcaísmos.

³⁰ « [...] nos valores marcados pelas duas construções *ir / andar* + gerúndio, há interseção apenas em termos da iteração marcada. Os valores específicos denotados com *ir* parecem confirmar a ideia de que há uma persistência, na construção em estudo, do seu significado lexical intrínseco, contrastando em termos de ‘deslocação orientada’, por oposição a *andar*, denotador de ‘deslocação não orientada’. Quanto a *vir* + gerúndio, é muito menos significativo o número de atestações assinaladas.» (Brocardo & Correia, 2012:121-136).

³¹ Repete-se aqui a afirmação de Teyssier (1982:68): «A conjugação de *ser*, que resulta da fusão em um paradigma único dos paradigmas de dois verbos, um dos quais representa o latim *sum* e o outro *sedeo*, está praticamente fixada na segunda metade do século XVI»
«A mudança que levou à oposição semântica **ser/estar** em estruturas atributivas estava concluída no século XVI.» Mattos & Silva (1992:89)

4.3.3. *Sedere* + particípio passado / adjetivo

A questão da categorização dos particípios passados tem sido bastante debatida, devido ao facto de estes poderem funcionar como adjetivos. Brito (2003:374-375), por exemplo, é uma das autoras que aponta para vários aspetos em que os particípios partilham propriedades com adjetivos: surgem em posição predicativa ou atributiva, podem ser modificados por expressões de grau, apresentam marcas de género e número, podem ser substituídos pelo clítico demonstrativo *-o* em frases predicativas, admitem diminutivos, etc.

Por este motivo, estes têm sido divididos entre particípios verbais e particípios adjetivais, caso em que o particípio passado funciona como um adjetivo. Duarte (2013:443), por exemplo, afirma que nas construções passivas com *estar* é obrigatória a recategorização do particípio como adjetivo. Por sua vez, as passivas têm sido distinguidas entre passivas verbais (que se constroem com *ser*) e passivas adjetivais (em que configuram as passivas com *estar*).

Raposo (2013:1309-1310) é também um dos autores que classifica este género de construções em que os particípios se associam ao verbo *estar* como construções em que os particípios são utilizados adjetivamente. Como referido no ponto 2.2., nota que só particípios de verbos que denotam situações télicas podem ocorrer com o verbo *estar*. Assim, estas estruturas denotam o estado resultativo ou consequente, ou seja, o novo estado da entidade que sofre a mudança.

Porém, outros autores como Duarte e Oliveira (2010) sugerem uma tipologia tripartida dos particípios com base em Embick (2004): particípios eventivos, que ocorrem com *ser* nas passivas verbais; particípios resultativos, que ocorrem com *ficar*; e particípios estativos, que ocorrem com *estar*. Enquanto os particípios eventivos se distinguem dos resultativos e estativos por conterem uma componente agentiva, os particípios estativos distinguem-se dos eventivos e resultativos pela ausência de uma componente eventiva relacionada com a mudança de estado.

Assim, segundo estes autores, associada às passivas verbais com *ser* temos a agentividade e, portanto, a possibilidade de realização do agente da passiva, compare-se:

- (1) a. A janela é aberta pelo segurança.
- b. A janela está aberta *(pelo segurança).

Associadas às passivas com *estar* temos a telecidade e, em particular, um foco no processo já culminado, ou seja, no estado resultativo ou consequente. Como consequência, está ausente a componente eventiva relacionada com a mudança de estado. Comparando (1a) com (1b) é possível notar que enquanto (1b) é uma situação homogênea que exclui o ponto de culminação do evento, (1a) é uma situação não homogênea que, nas palavras de Duarte (2013:440), descreve especificamente a fase dessa situação em que ocorre o processo de mudança.

Em português medieval, é possível atestar a coocorrência do verbo *estar* e do verbo *ser*, tanto de formas derivadas de *esse* como de *sedere*, com particípio passado. Atentando em primeiro lugar nas ocorrências de *ser*, Mattos e Silva (2002b:106), ao elencar os vários usos de *ser* e *estar* em português medieval, nota que *ser* pode coocorrer com particípio passado como formador de tempo composto de verbos intransitivos e ergativos (em variação com *ter* e *haver*) ou como auxiliar da passiva. Atente-se nos seguintes exemplos:

- (2) ca mi fazedes vós em guisa tal bem, mia senhor, que depois é meu mal; e de tal bem nom **são** eu **pagado**. [CEM368]
- (3) mais o que primeiro disse foi: "Santa Maria, val, ca por ti **são guarido**, ai, Sennor esperital" [CSM324]
- (4) D'u~a cousa **são maravilhado** que nunca vi a outre contecer: de Pedro Bõõ, que era arriçado e bem manceb'assaz pera viver [CEM327]
- (5) Enton, quando todos viron que assi **foran achados** aqueles cantos so terra, grandes e mui ben quadrados [CSM358]
- (6) Os frades, que cuidavan que **mort' era**, porque un día sen fala jouvera [CSM054]

Para além dos usos elencados por Mattos e Silva – auxiliar da passiva em (3) e (5) e auxiliar de tempo composto em (6) –, o verbo *ser* (<*esse*) ocorre ainda com o sentido de ‘estar’ em contextos equivalentes aos das passivas adjetivais em (2) e (4).

Segundo a mesma autora (2002b:106), o verbo *estar* pode ocorrer como auxiliar aspectual, seguido de particípio passado, expressando aspeto concluído. Nas palavras de Raposo (2013:1309), esta afirmação pode ser parafraseada como: descrevendo um estado resultante ou consequente. Observem-se os seguintes exemplos:

- (7) ca se vou i e lev'o meu vogado, sempre me diz que **está embargado** de tal guisa que me nom pod'oir. [CEM432]

- (8) O jantar **está guisado** e, por Deus, amigo, trei-nos. [CEM462]
- (9) Diz hu~u deles: "Que farei? Aquest' om' **está ja morto** ou mui preto de morrer" [CSM329]
- (10) semellou-lles a omagen de com' **está fegurada** a Virgen Santa Maria que ten seu Fill' abraçado [CSM205]

Como referido, atestam-se também formas de *sedere* neste contexto que, como visto, possuem sempre o sentido de ‘estar’:

- (11) Se m' a sela non seguir en que **assentada seja** [CSM153]
- (12) eu yrei u é aquel, e este que **ssé** aqui ben **enferrollado** farei soltar. [CSM135]
- (13) Esta capela no alcaçar é da Santa Virgen u ficou a fe, e dentro hu~a ssa figura **sé feita** como quando pariu e jaz. [CSM122]
- (14) Hu~a omage **pintada** na rua **siya** en tavaa, mui ben feita, de Santa Maria [CSM034]
- (15) E **siian as[s]entadas** en palla, non en tapede; [CSM075]
- (16) E muit' **enfadado** de seu parlar **sevi** gram peça, se mi valha Deus, e tosquiavam estes olhos meus. [CEM244]
- (17) Pois que a oraçon feita ouve, tan toste ll'ataron as mãos atras e logo agynna o enforcaron (...). E asi **sev'** aquel dia o manço **pendorado**. [CSM355]

Devido ao facto de em todas estas ocorrências o verbo *sedere* ocorrer com o sentido de ‘estar’, estas estruturas aparentam ser do género passivas estativas. Assim, neste contexto, não se atesta nenhum caso em que exista uma componente agentiva e todos os participípios denotam situações télicas, tendo-se assim a interpretação de um estado consequente.

Um dos contextos em que todas estas formas ocorrem é a par da forma participial de *coitar*, atestando-se 4 ocorrências deste género no *corpus* constituído – (18), (19), (20) e (21):

- (18) Amigas tamanha coita nunca sofri pois foi nada, e direi vola gran coita con que eu **sejo coitada** [CAmi123]
- (19) Nunca vós vejades coita, amigas, qual m' oj' eu vejo, e direi vos a mha coita con que eu **coitada seja** [CAmi123]
- (20) Oymais a morrer me conven, ca tan **coytado seja** [CAM687]
- (21) **Coitada seja** no meu coração por [que] meu amigo diz ca se quer ir daqui [CAmi164]

- (22) Ai Deus val, com' **estou** d' amor **coitada**, ai Deus val / Com' **estou** d' amor **ferida**, ai Deus val [CAmi142]
- (23) na ermida do [Soveral u m' el fez muitas vezes **coitada estar** [CAmi385]
- (24) U~a pastor ben talhada cuidava en seu amigo e **estava**, ben vos digo, per quant' eu vi, mui **coitada** [CAmi512]
- (25) ca **sÔo** por vos tan **coitado** des i que me faz ora mia morte desejar. [CAM191]
- (26) Eu **serei** por el **coitada** pois el é por mi **coitado** [CAmi377]
- (27) Deus, a vós grado, e dizen mi que é **coitado** por mi o perjurado [CAmi386]
- (28) ca meu amig' é por mi **coitado** [CAmi382]

Uma breve análise das ocorrências *ser* (<*esse*) neste contexto permite verificar que coocorre muito frequentemente com agente expreso – como em (25), (26), (27), (28), tendo-se assim evidentemente estruturas passivas verbais. Já nas restantes ocorrências, formas de *ser* (<*sedere*) e de *estar* apresentam um comportamento semelhante – em virtude da sua sinonímia –, desempenhando, nestes casos, o papel de adjetivo o particípio passado.

4.4. Processos de gramaticalização

Neste ponto, tem-se como objetivo enquadrar alguns dos processos atestados na evolução dos paradigmas *ser* e *estar* no quadro de estudos da gramaticalização, de modo a apontar para alguns dos aspetos em que este quadro de estudos poderá fornecer um suporte teórico adequado explicativo dos processos atestados na evolução destes paradigmas.

Como Brocardo (2014:106) nota, esta é uma perspetiva que permite relacionar diferentes manifestações de mudança linguística na evolução destes paradigmas: a inovação, isto é, a emergência de significados gramaticais a partir de significados mais lexicais; a obsolescência de significados – neste caso, do valor de transitoriedade associado a *ser* – e de formas – em específico, das formas derivadas de *sedere* que vieram a cair em desuso; e a persistência de contrastes associados às diferentes formas-fonte.

4.4.1. Dessemantização e persistência

Neste sentido, o primeiro aspeto a notar é a dessemantização dos significados etimológicos dos verbos *estar* e *sedere*. Como foi visto, o processo de gramaticalização pressupõe sempre, em primeiro lugar, a dessemantização, uma que vez que tal é o que

permite que um item linguístico adquira um novo sentido gramatical, isto é, mais abstrato, passando a poder ser usado em novos contextos.

Não obstante, verifica-se também que as formas não tendem a mudar abruptamente, passando antes por um processo gradual de mudança. Como Hopper (1991:28) nota, é expectável que durante estádios intermediários de gramaticalização, as formas sejam polissémicas (possuindo assim tanto o novo significado mais gramatical ou abstrato, como o anterior mais lexical ou menos abstrato), e que os seus significados reflitam significados dominantes anteriores.

Assim, dá-se conta tanto do facto de que é possível atestar ainda ocorrências tanto de *sedere* como de *estar* com sentido etimológico neste período histórico, apesar de estas formas estarem já claramente dessemantizadas; como do facto de parecer ser o caso que as formas de *sedere* eram fortemente associadas ao valor semântico de ‘estar’ – o que é patente pelo facto de estas ocorrerem sempre com este significado quando estavam em competição com formas de *esse*.

Assim, nas palavras de Brocardo (2014:105): «Nos processos de gramaticalização de *ser* e de *estar* é de assinalar a persistência de contrastes associados aos diferentes significados lexicais originais (opondo +/- ‘estável’), persistência que deverá ser relacionada com os valores/contextos de uso diferenciados que caracterizam os dois paradigmas em português.»

4.4.2. Obsolescência de formas de *sedere*

Como é sabido, todas as formas de *sedere* que competiam com formas de *esse* para a formação do paradigma *ser* vieram a cair em desuso. Neste ponto, é de especial relevância o princípio da especialização.

Como foi visto, de acordo com este princípio, a competição de formas para a marcação dos mesmos valores semânticos determina que, eventualmente, algumas dessas formas caíam em obsolescência. O processo de obsolescência é, assim, resultado da competição de formas ou construções, neste caso, para a marcação dos mesmos valores semânticos.

Neste sentido, há dois fatores que poderão ter contribuído para que estas formas viessem a cair em desuso. Em primeiro lugar, deverá ter contribuído para este fenómeno a sua proximidade às formas de *estar*. Deste modo, estas formas competiam não só com formas de *esse* para a constituição do paradigma *ser*, mas também com formas de *estar*

em termos semânticos. Por outro lado, e este fator não deverá ser independente do primeiro, as formas de *sedere* destes tempos verbais ocorriam significativamente menos frequentemente do que as de *esse*, como pode ser conferido no CIPM/DVPM.

4.4.3. Obsolescência do valor semântico de transitoriedade associado a *ser*

É ainda de notar que não só formas de *sedere*, mas todo o paradigma *ser*, competia com o paradigma *estar* para a marcação do valor semântico de transitoriedade. Neste sentido, um outro dado relevante é o facto de formas de *estar* terem passado por este processo de dessemantização anteriormente às formas de *sedere*: «In past stages some occurrences of forms from *sedere* still show the preservation of their etymological “postural” value, while the lexical original value of *estar* “stand” seems to have bleached earlier.» (Lopes & Brocardo, 2016:475).

Assim, apesar de o paradigma *sedere* ter possivelmente contribuído para a sobreposição dos paradigmas *ser* e *estar* no que concerne a marcação do valor semântico de transitoriedade, supõe-se também a existência de um contraste semântico associado aos verbos *esse* e *stare*, sendo que desde cedo que o verbo *estar* aparenta já estar em curso de gramaticalização (certamente, num processo cronologicamente anterior ao verbo *sedere*).

Assim, novamente com base no princípio da especialização, é natural que a competição de formas para a marcação dos mesmos valores semânticos tenha determinado, neste caso, não a obsolescência de formas – como afirmado, poderá ter determinado a obsolescência de formas de *sedere* que competiam com formas de *esse* – mas a consolidação dos valores semânticos associados aos paradigmas *ser* e *estar*. Como Brocardo (2014:105) nota:

«A competição entre formas de paradigmas originalmente distintos (*esse/sedere*) para o que viria a constituir em português um único verbo (*ser*) poderá ter condicionado o processo de consolidação de *estar* com os valores que lhe viriam a ser restritos em português (‘não inerência’, ‘transitoriedade’). A este fator poderão ter-se-ão possivelmente ligado outros [...] como a aparentemente mais precoce dessemantização de *estar*, no sentido da perda da leitura (etimológica) de verbo ‘postural’, em contraste com uma relativamente maior persistência desse valor em formas de *ser* derivadas de *sedere*, que se assinala ainda nas fases mais antigas, embora em alternância sincrónica com funcionamentos já gramaticalizados.»

4.4.4. Transferência

Segundo um dos modelos que têm sido apresentados para explicar o desenvolvimento de categorias gramaticais ao longo do tempo, o modelo da transferência (Heine *et al.*:1991), existem padrões de transferência conceptual de domínios concretos da experiência humana para domínios mais abstratos, sendo este processo de natureza metafórica. Retomando aqui o padrão de transferência apresentado no ponto 3. (Heine, 2003:586):

(1) PESSOA → OBJECTO → ACTIVIDADE → ESPAÇO → TEMPO → QUALIDADE

Mattos e Silva (2002a) conduz um estudo quantitativo que visa demonstrar como é que a distribuição dos verbos *ser* e *estar* para marcar o valor semântico de transitoriedade em contextos locativos e descritivos evoluiu entre o século XIII e meados do século XVI. Os dados quantitativos obtidos são por esta autora resumidos na seguinte tabela (Mattos e Silva, 2002a:109):

		XIII	XIV	XV	1540
Locativo transitório	Ser	76%	29%	26%	7%
	Estar	24%	71%	74%	93%
Descritivo transitório	Ser	93%	92%	78%	16%
	Estar	7%	8%	22%	84%

Em primeiro lugar, o que autora observa é que do total das ocorrências dos verbos *ser* e *estar* para marcar o valor de transitoriedade, no século XIII, o verbo *ser* predomina em relação a *estar*, porém, esta predominância é mais significativa em contextos descritivos – nestes contextos a ocorrência de *ser* apresenta uma variação de 93% para 16% do século XIII para o século XVI e em contextos locativos de 76% para 7%. No século XIV, em contextos locativos, a situação inverte-se, passando *estar* a predominar nestes contextos. Porém, nos contextos descritivos, o uso de *ser* para marcar o valor de transitoriedade continua claramente a ser preferido. No século XV, verifica-se um ligeiro aumento de *estar* em contextos descritivos, e só no século XVI o verbo *estar* se torna predominante para marcar o valor de transitoriedade, tanto em contextos locativos, como descritivos.

O que a autora conclui destes dados é que a substituição de *ser* por *estar* para marcar o valor de transitoriedade começou por acontecer em contextos locativos e só

depois se difundiu para os descritivos, aparentando, assim, seguir o modelo proposto por Heine.

De modo a averiguar a hipótese explorada nesta dissertação, seria também relevante fazer um estudo semelhante, fazendo a distinção entre formas derivadas de *esse* e de *sedere*. Caso esta hipótese seja correta, supõe-se que, à semelhança de *estar*, formas de *sedere* teriam inicialmente maior expressão em contextos locativos do que descritivos ou que, pelo menos, teriam maior expressão em contexto locativo do que as *ser* derivadas de *esse* dos mesmos tempos verbais.

Das ocorrências atestadas neste *corpus* verifica-se que 64 ocorrem em contexto locativo e 48 em contexto descritivo (57% contra 43%). Confirma-se, assim, que, se bem que estas formas são mais produtivas em contexto locativo, a diferença não é significativa. Para além disto, é necessário notar que parece também existir variação conforme o tipo de textos: nas Cantigas de Santa Maria estas formas ocorrem predominantemente em contexto locativo (73% contra 27%), já nas restantes cantigas ocorrem mais frequentemente em contexto descritivo (64% em descritivo contra 36% em locativo).

Assim, os dados aqui analisados não parecem permitir retirar conclusões relativamente aos tipos de contextos em que estas formas ocorrem, verificando-se apenas que são ligeiramente mais produtivas em contexto locativo, porém, tal parece variar de acordo com o tipo de texto. Seria, neste sentido, relevante comparar estes dados com ocorrências de formas de *estar* e com formas de *ser* (possivelmente as derivadas de *esse* destes mesmos tempos verbais), de modo a que se pudessem comparar dados e, possivelmente, atestar uma maior proximidade das formas derivadas de *sedere* em competição com formas de *esse* às formas derivadas de *estar*.

4.4.5. Contaminação analógica

Outro aspeto a apontar é a contaminação analógica que ocorreu entre estes paradigmas, da qual a mais notória é a substituição de formas derivadas de *stare* do presente do conjuntivo do paradigma *estar*, por formas analógicas a *ser*. Se bem que este aspeto não é um processo propriamente relacionado com o quadro de estudos da gramaticalização, como Brocardo (2011:9) repara:

«Tratando-se aqui de uma alteração morfológica, o próprio processo que lhe deu origem, correspondendo a um tipo de mudança analógica, pressupõe o estabelecimento

de algum tipo de relação entre as formas contaminadas e as formas que determinaram contaminação. Ou seja, a alteração formal verificada permite assinalar uma motivação semântica plausivelmente determinada pela proximidade ou sobreposição parcial dos valores marcados pelas formas dos dois paradigmas, *seer* (<*sedere*) e *estar*.»

Assim, Williams ([1939]1975:227-228) aponta para diversos processos de analogia que ocorreram entre estes dois paradigmas. Em primeiro lugar, atentando no paradigma *estar*, o autor nota que o desenvolvimento deste foi influenciado em grande medida pelas formas de *ser*: relativamente ao presente do indicativo, houve formas dialetais *stom*, *stemos* e *estomos*, que se desenvolveram por influência das formas *som*, *semos* e *somos*; também todo o paradigma de presente do conjuntivo se desenvolveu por analogia com o presente do conjuntivo de *ser* – as formas derivadas de *stare este*, *estes*, etc. perduraram até ao séc. XVI, tendo sido substituídas por *esteja*, *estejas*, etc. por analogia com *seja*, *sejas*, etc.; também no pretérito perfeito do indicativo, formas com *d* deste tempo e dos tempos derivados, como *stede*, foram substituídas por formas com *v*, *esteve*, por analogia com *sevi*, *seveste*, *seve*.

Relativamente ao paradigma *ser*, Williams ([1939]1975:241-243) aponta para duas formas que surgiram possivelmente por influência do paradigma *estar*: no presente do indicativo, *som* foi substituído por *sou* por analogia com *vou* e *estou*³² e a forma dialetal *samos* por analogia com *estamos*.

Retomando a ideia de que deverá ter existido uma motivação semântica relacionada com a proximidade entre os paradigmas *ser* e *estar* ou, mais especificamente, de formas de *sedere* e *estar* este é outro aspeto que permite contribuir para a consolidação da hipótese aqui apresentada.

³² Também Nunes ([1919] 1956) afirma «a primeira pessoa, depois de ter conservado durante bastante tempo a forma regular *som*, trocou-a pela actual *sou*, resultante da influência sobre aquela de igual pessoa de ouro verbo, também de sentido idêntico, *estar*».

CONCLUSÃO

Em forma de conclusão, principia-se por considerar-se uma afirmação de Mattos e Silva (1992:88): «Essa distinção semântica [...] de **permanente** versus **transitório** não estava estabelecida no período arcaico do português. Um leitor de hoje, e pouco rigoroso, de textos arcaicos poderá supor que o verbo **ser** cobria o campo de **estar** nas estruturas atributivas; outro, mais rigoroso, poderá supor que os dois verbos variavam (e não estaria errado) nessas estruturas, mas ambos perceberiam que a oposição acima descrita não exista.»

Como visto, os verbos *ser* e *estar*, de facto, variavam neste género de estruturas, no entanto, apenas no que respeita à marcação do valor de transitoriedade. Por este motivo, reformula-se a afirmação da autora de que a oposição permanente/transitório (ou, melhor, a sua marcação através da distinção *ser/estar*) não existia ainda em português medieval, ao invés, julga-se mais rigoroso afirmar que não estava ainda consolidada.

Considerando a própria hipótese explicativa que é fornecida por esta autora, que é aquela que foi aqui desenvolvida nesta dissertação, uma das condições necessárias para que a oposição *ser/estar* se tenha vindo a consolidar como atualmente a conhecemos é que ela existisse desde logo associada aos verbos lexicais que vieram a dar origem a estes paradigmas: o valor de permanência associado a *esse* e o valor de transitoriedade a *stare*.

Como foi visto, possivelmente desde a própria emergência da língua que o verbo *stare* possui já o sentido genérico de ‘estar’, ou seja, que está em processo de dessemantização e, como a sua evolução demonstra, em curso de gramaticalização. Desde modo, desde a sua origem que lhe está associado o traço de transitoriedade. Neste sentido, é evidente que o verbo *estar* nunca era selecionado para a marcação de propriedades permanentes.

Procurou-se então desenvolver a hipótese de que foi o papel que o verbo *sedere* desempenhou na formação do paradigma *ser* que foi responsável pela variação entre os paradigmas *estar* e *ser* para a marcação do mesmo valor: por um lado, *esse*, que não possuía conjugação completa, tomou as formas de *sedere*, possivelmente, em virtude da sinonímia da sua significação (Nunes, [1919] 1956:294) – o que é evidente pelo facto de outras línguas não fazerem esta distinção; por outro, existe um contraste semântico

associado aos verbos *esse* e *stare*, sendo que desde cedo que o verbo *estar* aparenta já estar em curso de gramaticalização (Brocardo, 2011:8) (certamente num processo cronologicamente anterior ao verbo *sedere* (Lopes e Brocardo, 2016:475)).

Dando continuidade ao estudo desta hipótese, uma questão pertinente a considerar seria: se é o caso que de facto as formas derivadas de *sedere* marcavam um valor que pode ser caracterizado como mais transitório, enquanto as de *esse* marcariam o de inerência ou permanência, por que razão eram, ainda assim, seleccionadas nestes casos formas de *esse* para a marcação do valor de transitoriedade, quando se possuía como alternativa não só formas derivadas de *sedere*, mas também o próprio verbo *estar*? Julga-se que dois fatores poderão ter contribuído para este facto: a proximidade semântica entre *ser* e *estar*, por um lado, e uma possível contaminação dos valores associados às formas de *sedere* às formas de *esse*, por outro, já que estas constituíam um único paradigma.

Deste modo, conclui-se que parece existir evidência que aponta para o facto de o hibridismo de *ser* ter desempenhado um papel relevante na relação semântica estabelecida entre estes verbos, em particular, na sobreposição do paradigma *ser* ao de *estar*, na medida em que em alguns aspetos é possível estabelecer uma proximidade em termos semânticos e de comportamento entre os verbos *sedere* e *stare*,

No entanto, alguns dos aspetos que foram aqui tratados mereciam um maior aprofundamento com base numa análise mais sistemática de um maior número de dados. Para além disto, para levar a cabo a tarefa de investigar que processos de mudança linguística (neste caso, no quadro da área de estudos da gramaticalização) intervieram na evolução destes paradigmas e de que modo é que esses processos se relacionam com o supletivismo de *ser*, seria necessário considerar dados de diferentes momentos históricos.

Assim, uma investigação que explore outros níveis de análise e outros fatores que possam ter concorrido para os processos de mudança (semântica e não só) atestados no percurso evolutivo destes verbos, cobrindo um maior número de dados e um maior espaço de tempo, parece ser indispensável para uma melhor compreensão da história destes paradigmas e para dar resposta às questões que ficam por responder e aos aspetos que ficam por aprofundar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, A. M. (2003) Subordinação adverbial in MATEUS, M. H. M., BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, I. H., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, pp. 695-728.
- BROCARD, M. T.
- (2011) *Sedia la fremosa...* Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português in *Cadernos WGT – Ser & Estar*, Lisboa: FCSH-CLUNL, pp. 5-12.
- (2014) Construções com *ser*, *estar*, *jazer* na história do português: notas em torno de inovação, persistência e obsolescência in GARCÍA, L. E. & VIÑAS, X. L. (eds.), *Língua, texto, diacronia. Estudos de linguística histórica*, Coruña: *Revista Galega de Filoloxía*, Monografía 9, pp. 97-107.
- BROCARD, M. T. & CORREIA, C. N. (2012) *Ir* + gerúndio em português – aspetos sincrónicos e diacrónicos in *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 121-135.
- BRUHN DE GAVARITO, J. & VALENZUELA, E. (2006) The Status of *Ser* and *Estar* in Late and Early Bilingual L2 Spanish in KLEE, C. A. & FACE, T. L. (eds.), *Selected Proceedings of the 7th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 100-109.
- CARLSON, G. N. (1977) *Reference to kinds in English*, Dissertação de Doutoramento, University of Massachusetts, Amherst.
- CORREIA, C. N. (2011) *Que bom estarmos aqui e sermos quem somos*: as relações semanticamente problemáticas entre ‘ser’ e ‘estar’ em PE in *Cadernos WGT – Ser & Estar*, Lisboa: CLUNL, pp. 13-18.
- CUNHA, L. F. (2013) Aspeto in RAPOSO, E. P. *et al.*, *Gramática do Português* (vol. I), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 591-600.

DUARTE, I.

(1987) A oposição ser/estar e as suas variantes aspectuais in MATEUS, M. H. M., BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, I. H., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, pp. 98-102.

(2013) Construções ativas, passivas, incoativas e médias in RAPOSO, E. P. *et al.*, *Gramática do Português* (vol. I), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 429-460.

DUARTE, I. & OLIVEIRA, F. (2010) Particípios Resultativos, *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto:APL, pp. 397-408.

EMBICK, D. (2004) On the Structure of Resultative Predicates in English, *Linguistic Inquiry*, 35(3), pp. 355-392.

HEINE, B.

(1993) *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*, Oxford: Oxford University Press.

(2003) Grammaticalization in JOSEPH, B. D. & JANDA, R. D. (ed.) *The Handbook of Historical Linguistics*, Oxford: Blackwell Publishing, pp. 575-599.

HEINE, B., CLAUDI, U & HÜNNEMEREY, F (1991) *Grammaticalization: a Conceptual Framework*, Chicago: University of Chicago Press.

HOPPER, P. (1991) On some principles of grammaticalization in TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (ed.) *Approaches to grammaticalization*, vol. 1, Amsterdam: John Benjamins, pp. 17-36.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. ([1993] 2003) *Grammaticalization*, Cambridge: Cambridge University Press.

JUGE, M. L. (2000) On the rise of suppletion in verbal paradigms in CHANG, S. S., LIAW, L. & RUPPENHOFER, J. (eds.) *Proceedings of the 25th annual meeting of the Berkeley Society*, Berkeley: BLS, pp. 183-194.

LEONETTI, M., PÉREZ-JIMÉNEZ, I., & GUMIEL-MOLINA (2015) *Ser and estar. Outstanding questions in New Perspectives on the Study of Ser and Estar*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 1-40.

- LOPES, C. R. S. & BROCARD, M. T. (2016) Main Morphosyntactic Changes and Grammaticalization Processes in WETZELS, W. L., MENUZZI, S. & COSTA, J. (eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics*, Malden/Oxford: Wiley Blackwell, pp. 471-486.
- MAIENBORN, C. (2005) A discourse-based account of Spanish *ser/estar*. *Linguistics*, 43-1, pp. 155-189.
- MATEUS, M. H. M., BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, I. H. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- MATTOS E SILVA, R. V. M.
- (1992) Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico, Belo Horizonte: Revista de Estudos Linguísticos, V. 1, pp. 85-99.
- (2002a) A variação *ser/estar* e *haver/ter* nas *Cartas de D. João III* entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros in MATTOS E SILVA, R. V. & FILHO, A. V. (orgs.), *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*, Salvador: EDUFBA/UEFS, pp. 143-160.
- (2002b) A definição da oposição entre *ser/estar* em estruturas atributivas nos meados do século XVI in MATTOS E SILVA, R. V. & FILHO, A. V. (org.), *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*, Salvador: EDUFBA/UEFS, pp. 103-117.
- (2008) *O português arcaico. Uma aproximação*. Vol. I. Lisboa: IN-CM, pp. 441-444.
- NUNES, J. J.
- ([1919] 1956) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.
- OLIVEIRA, F. (2003) O tempo dos indivíduos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 20, Porto, pp. 523-537.
- QUERIDO, A. A. M. (1976) The semantics of copulative constructions in Portuguese in LUJÁN, M. & HENSEY, F. (eds.), *Current Studies in Romance Linguistics*, Washington, DC: Georgetown University Press, pp. 343-366.

- RAPOSO, E. P. (2013) Orações copulativas e predicções secundárias in RAPOSO, E. P. *et al.* (orgs.) *Gramática do Português* (vol. II), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1285-1358.
- SCHMITT, C., HOLTUEUER, C. & MILLER, K. (2004) Acquisition of copulas *ser* and *estar* in Spanish: learning lexico-semantics, syntax, and discourse in *Proceedings of Boston University Conference on Language Development*, Somerville, MA: Cascadia Press.
- SCHMITT, C. & MILLER, K. (2007) Making discourse-dependent decisions: The case of the copulas *ser* and *estar*. *Lingua*, 117(11), pp. 1907-1929.
- TEYSSIER, P.
- (1982) *História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa, p. 68.
- ([1989]2005) *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: IN-CM.
- WILLIAMS, E. B. ([1939]1975) *Do Latim ao Português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

REFERÊNCIAS DAS FONTES

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval. <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

CAmi – 513 Cantigas de Amigo (sem data ou datados entre 1220-1300) in Cohen, Rip (2003) *500 Cantigas de Amigo*, Porto, Campo das Letras.

Camo- 517 Cantigas de Amor (sem data) in Brea, Mercedes (coord.) (1996) *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñeiro. Edição digitalizada in Base de Datos en liña da Lírica Profana Galego-Portuguesa do Centro Ramón Piñeiro, www.cirp.es.

CSM – 419 Cantigas de Santa Maria (datadas entre 1270 e 1282) in Mettman, Walter (1981), Afonso X, o Sábio (s. XIII) *Cantigas de Santa Maria*, Vigo, Ediciones Xerais de Galicia, SA

CEM – 403 Cantigas de Escárnio e Maldizer (sem data) in Lopes, Graça Videira (2002) *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses*. Edição digitalizada cedida pela editora.

(CV) NUNES, J. J. (1981) *Crestomatia Arcaica*, Lisboa: Clássica Editora.

(DPs) MARTINS, A. M. (2001) *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*, Lisboa: IN-CM.

(DSG) MATTOS E SILVA, R. V. (1971) *A mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Edição crítica de R. V. Mattos e Silva, Tese de Doutoramento, São Paulo: USP.

(FR) FERREIRA, J. de A. (ed.) (1987) *Afonso X. Foro Real*, Lisboa: I.N.I.C., pp. 125-309.

(LLC) BROCARD, M. T. (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda* (século XIV), Lisboa: IN-CM.

(TAII) CASTRO, I. (2006) Testamento de D. Afonso II (edição dos manuscritos L e T) in *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri, pp. 111-117

(TP) FERREIRA, J. A. (1986) Edição e estudo linguístico dos «Nove Tempos dos Preitos», in ROUDIL, J., *Summa de los Nueve Tiempos de los Pleitos. Édition et étude d'une variation sur un theme*, Paris: Klincksieck.